

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**SHORT CURTINHO E BARRIGA DE FORA:
EXPERIÊNCIA DE CORPO
E AVALIAÇÕES ESTÉTICAS DE MULHERES
DE UM BAIRRO PERIFÉRICO DE SALVADOR**

Scyla Pinto Costa Pimenta
Orientadora: Iara M. A. Souza

SALVADOR
FEVEREIRO DE 2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

SHORT CURTINHO E BARRIGA DE FORA:
EXPERIÊNCIA DE CORPO
E AVALIAÇÕES ESTÉTICAS DE MULHERES
DE UM BAIRRO PERIFÉRICO DE SALVADOR

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais com área de concentração em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, FFCH/UFBA sob orientação da Prof. Iara M. A. Souza.

SALVADOR
FEVEREIRO DE 2008

-
- P644 Pimenta, Scyla Pinto Costa
Short curtinho e barriga de fora: experiência de corpo e avaliações estéticas de mulheres de um bairro periférico de Salvador / Scyla Pinto Costa Pimenta. – Salvador, 2008.
106 f.: il.
- Orientadora: Prof^a. Dr^a. Iara M. A. Souza
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2008.
- Sociologia. 2. Cultura. 3. Corpo. 4. Experiência. 5. Saúde. I. Souza, Iara M. A. II. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Em primeiro lugar, desejo agradecer a minha orientadora profa. Dra. Iara M. A. Souza por todos esses anos de convívio e trabalho conjunto. Agradeço também a todos os professores e colegas do núcleo ECSAS-UFBA, pelo intenso intercâmbio intelectual. Agradeço também ao companheiro Hélio Silva, pelo incentivo, apoio e paciência, bem como a todos os meus familiares e amigos, por estarem ao meu lado neste momento de exigências redobradas, em especial à Ana Clara Pimenta, Elena Calvo-Gonzalez e Luciana Duccini, pelas revisões e sugestões.

Em segundo lugar, quero lembrar a dívida de gratidão para com todas as pessoas do bairro de Pau da Lima que colaboraram com este trabalho, seja compartilhando suas experiências comigo, seja me acolhendo e apresentando à localidade. Em especial, agradeço àquelas mulheres que me cederam seu tempo em entrevistas longas, porém, muito divertidas, ao menos para mim.

Agradeço também à FAPESB pela bolsa concedida para a realização deste curso de Mestrado.

“A experiência motora de nosso corpo não é um caso particular de conhecimento; ela nos fornece uma maneira de ter acesso ao mundo e ao objeto, uma *praktognosia* que deve ser reconhecida como originária. Meu corpo tem seu mundo ou compreende seu mundo sem precisar passar por *representações*, sem subordinar-se a uma *função simbólica* ou *objetivante*.”

Merleau Ponty – A Fenomenologia da Percepção

Este trabalho tem como objetivo analisar concepções corporais de mulheres que habitam bairros populares de periferia de Salvador, baseado na hipótese de que estas mulheres não aderem completamente aos padrões estéticos, corporais e alimentares fornecidos pela mídia devido a uma diferente imersão no mundo, que conduz a uma vivência corporal distanciada das imagens estéticas e comportamentais atribuídas. A pesquisa ocorreu em Pau da Lima, bairro de periferia da cidade de Salvador, através de trabalho de campo e entrevistas visando alcançar os diferentes olhares sobre o corpo. Para as mulheres com até 30 anos a concepção de beleza se aproxima mais dos padrões fornecidos pela mídia e um corpo magro é buscado como o ideal de beleza embora dificilmente alcançado. Já as noções de beleza corporal das mulheres mais velhas ou que já constituíram famílias e tiveram filhos, se distanciam mais desse ideal. A *barriga grande*, *banha*, *pneuzinho*, *gordurinhas indesejadas*, foi indicada por todas, independente da idade, como o motivo de maior desgosto no corpo, mas a imersão no contexto cotidiano se torna mais importante do que as avaliações racionalizadas e adere-se a moda independente da adequação do tipo físico.

This work seeks to analyse body notions of women who live in Salvador's outskirts. It is based on hypothesis that women from poor neighbourhoods are immersed in their daily world in a particular way that provides them with different ways to experience their bodies. Thus they not adhere completely to aesthetics, nutritional and body standards spread by the media. The field research was undertaken in the neighbourhood of Pau da Lima, located in the periphery of Salvador. Through participant observation and interviews it captures the diverse views on the body. For women up to 30 years of age, the beauty model is closer to that provided by the mainstream media, and a slim body is held as the ideal, yet difficult to attain, model. Older women or those who had already established their own families diverge more from that mainstream ideal. Nevertheless, "big belly". "rolls of fat", "undesirable fat" are all considered, regardless of age, as the main reason for being unsatisfied with their own bodies. However, everyday experiences stand as more important than rationalised evaluation, with women trying to adhere to fashion regardless of bodily type.

APRESENTAÇÃO – CONHECENDO O TEMA	
CONSTRUINDO A NOÇÃO DO BELO FEMININO NO SÉCULO XXI	10
INTRODUÇÃO – A ESTÉTICA FEMININA EM BAIROS POPULARES	14
OBJETIVOS E HIPÓTESES	18
CAPÍTULO 1 – O CENÁRIO	
UMA PEQUENA HISTÓRIA E ETNOGRAFIA DO CENÁRIO - PAU DA LIMA	22
PERIFERIAS	30
CAPÍTULO 2 – NOÇÕES DE CORPO	
A HISTÓRIA DO CORPO NA SOCIOLOGIA	34
CONTEXTUALIZANDO	
O CORPO PRÉ-MODERNO	45
O CORPO NA MODERNIDADE	48
CAPÍTULO 3 – OS MODOS DE CORPO E O CORPO NA MODA	
CORPO FEMININO E MODA	55
OS MODOS DE CORPO SÃO GLOBALIZADOS?	67
CAPÍTULO 4 – E O CORPO DAS CLASSES POPULARES?	
ENCONTRANDO CORPOS POPULARES	74

DESACORDOS E SEMELHANÇAS	78
A MUDANÇA DE ESTILO DE VIDA DE LUIZA: UM CASO PARTICULAR?	89
CONCLUSÃO – ARRUMANDO O QUE FOI VISTO	
UM SÓ PADRÃO, VÁRIAS TRAJETÓRIAS?	94
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	96
PÓS-TEXTUAIS – TEXTO DA DEFESA	
APRESENTANDO A DISSERTAÇÃO (OU DIVAGAÇÕES SOBRE A ESTÉTICA CORPORAL NA PERIFERIA BAIANA)	101

FOTO

1 – LARGO DE PAU DA LIMA	23
2 – RUA JAYME VIEIRA LIMA	24
3 – VISÃO PARCIAL DO BAIRRO	28
4 – RUA CAP. THEÓGENES S. BULCÃO	29
5 – ESTILO PADRÃO DE VESTUÁRIO PARA LAZER	75
6 – TIPO FÍSICO E VESTUÁRIO	77
7 – IDEAL DE BELEZA	84
8 – SHORTINHO E BARRIGA DE FORA	88

ILUSTRAÇÃO

1 – ANÚNCIO SANAVITA	56
2 – BARBIE OBESA	57
3 – BARBIE ANORÉXICA	61

MAPA

1 – REGIÕES ADMINISTRATIVAS DE SALVADOR	25
---	----

CONHECENDO O TEMA

Construindo a noção do belo feminino no séc XXI

Segundo alguns autores, como Berger (2006), Del Priori (2000), Giddens (1997), Sant'Anna (1995) e Tuner (1989), a formação da imagem do corpo belo tal como hoje conhecemos tem sua história no Brasil a partir de 1920 e passa por quatro características na acepção de beleza que estão associadas a algumas modificações históricas desencadeadas principalmente pelo cinema e pela fotografia. A primeira delas remete à segunda década do século passado e associa o aspecto belo à juventude como decorrência do distanciamento das ideias ligadas à aristocracia. Se não é possível ser para sempre jovem ao menos se deve parecer jovem através das eliminações das marcas corporais e da adequação às roupas, maquiagens e penteados modernos.

O segundo aspecto atrelado ao novo sentido de beleza é o ser magro, resultante da associação da velhice com a gordura. Também aqui esses autores demonstram um distanciamento dos antigos ideais aristocráticos da nobreza ociosa onde a gordura era sinal de opulência. A gordura passa a ser sinônimo de moleza e preguiça; e as ruas e o novo estilo de vida, modernos, pedem corpos ágeis.

Os últimos dois aspectos corporais atrelados como significativos do belo na atualidade estão conectados às ideias de branqueamento e eugenia ocorridas no Brasil de 1920, como uma tentativa de *melhorar* a identidade dos brasileiros através de seu aspecto físico: ser belo passa a ser possuir cabelos loiros e ter a pele branca. Tal presença de cabelos loiros e lisos ainda hoje é forte nas ruas do país mesmo em cidades de maioria negra ou mestiça como é Salvador. No entanto a pele branca

embora ainda bastante cultivada como cânone de beleza é contestada pela *pele bronzeada* pelo sol ou por métodos artificiais.

Pode-se notar conforme esses autores uma elitização com viés racista do protótipo do belo, pois a partir dessas *qualidades* a beleza não seria um artigo para todas as mulheres. Algumas características de beleza, por serem pautadas nas diferenças fenotípicas entre o branco colonizador e os índios e negros subjugados, dividiam a sociedade brasileira em dois blocos distintos reforçando uma identificação entre a beleza e o lugar social dos indivíduos. Inicia-se a formação de uma noção de beleza como um signo de distinção social, mas que ainda não era vista como uma responsabilidade individual.

“Todas sabiam que a fotografia, o cinema e a imprensa divulgavam padrões que deviam ser seguidos, excluindo aquelas que deles não se aproximassem” (DEL PRIORI, 2000, p. 72).

Outro responsável por tantas mudanças, ainda que com poucos adeptos, foi o esporte que adere à função profilática de combater “o ócio e os hábitos mundanos da juventude” (DEL PRIORI, 2000, p. 68), de modo que a sua função era higiênica e estética e não atlética. Também começam a ser importados os produtos de beleza industrializados: cremes e pós para o rosto, além de produtos para maquiagem em geral.

As características do belo expostas acima se fortificaram com a absorção do estilo de vida americano enquanto padrão de modernidade através do cinema e das revistas. Berger (2006) observa que em 1950 o desenvolvimento da economia no Brasil, assim como o crescimento da indústria cultural e tecnológica, proporciona o consumo e a beleza entra nas prateleiras enquanto mercadoria. A liberdade de se ter um corpo natural e livre começa a ser perdida em detrimento do cultivo ao corpo¹. A beleza começa a tornar-se um objeto a alcance *de todos*.

No Brasil a *democracia* da beleza se consolida na década de 80 no rastro do culto ao corpo americano quando surgem as academias especializadas nas ginásticas aeróbicas assim como a prática de *fazer cooper*. Músicas e novelas adotam a

¹ Goldemberg (2005) discute a construção dos corpos de classe média, tanto masculinos quanto feminino, e observa que nas décadas de 60 e 70 os corpos ainda eram livres e naturais. Para esta autora os corpos tornaram-se prisioneiros de um modelo inalcançável de perfeição.

temática da necessidade de cultivo ao corpo, já como um imperativo. Em 1983, o cantor carioca Marcos Valle lançou a canção *Estrelar*. A música apresentava para o resto do país as imagens que chegavam do Rio de Janeiro com estrofes bem representativas desse momento em que o corpo malhado começa a ser visto como uma porta de acesso ao sucesso. Eis algumas delas:

“Tem que correr, tem que suar, tem que malhar (vamos lá!) Musculação, respiração, ar no pulmão. Tem que esticar, tem que dobrar, tente encaixar. Um, dois e três; é sem parar, mais uma vez (Verão chegando) Quem não se endireitar não tem lugar ao sol (Domingo é dia) (...) Vem, vem brilhar mais. Ser uma estrela sobre o sol. Estrelar mais. Ser mais brilhante do que o sol. Se mostrar mais. Ser Deus no céu, na terra eu.”

A beleza ia se conformando como uma necessidade ao mesmo tempo em que a indústria colocava produtos de beleza a serviço da população. Já não existe restrição todas podem tornar-se bonitas, bastava querer. A ideia de que cada um poderia modificar o seu corpo tornou-se preponderante, era preciso apenas perseverança e dedicação.

As formas em que o corpo deveria se apresentar tornadas produto da vontade individual, dava ao sujeito a responsabilidade pela sua própria estética. A ideia de perseverança para se fazer bela trouxe com isso a ideia de um voluntarismo: basta que eu queira ter um corpo belo e persistir que posso tê-lo. Mas o que vemos hoje não é apenas um voluntarismo e sim uma necessidade social já que a *aparência* ainda continua sendo critério para seleção de empregos e relacionamentos e que a imagem conta não apenas como aparência, mas também como um aspecto moral.

No entanto, Lipovetski (2000 apud MOTA, 2007), observa que embora a popularização da estética tenha sido disseminada por todos os grupos sociais principalmente com a redução dos custos dos produtos voltados para beleza, as práticas e a busca de embelezamento mantiveram uma estratificação e uma distinção entre as marcas e os valores simbólicos do belo.

Embora exista a imputação de responsabilidade pessoal sobre as formas corporais pela sociedade não existe no corpo real uma uniformidade desses modelos. Nas ruas e nos bairros populares, principalmente, podemos ver distorções desse modelo

que revela uma distinção na sua adoção, tornando relevante algumas questões tais como: haveria uma completa aceitação social desse modelo de corpo ou os critérios de aparência se diferenciariam pelos diversos grupos sociais, de modo a existir vários tipos a depender dos vários agrupamentos de indivíduos? tal diferenciação decorreria de uma crítica ao modelo hegemônico ou simplesmente decorreria das diferenças de inserção corporal no mundo? a adoção do padrão seria decorrente de um voluntarismo ou apenas consequência de um modo de ser no mundo?

A ESTÉTICA FEMININA EM BAIRROS POPULARES

A análise sobre o corpo estético aparece para mim por dois caminhos diferentes. Na minha vida pessoal a questão “estar na moda” sempre esteve próxima por ter um parente que trabalha neste ramo, o que gerava, desde quando eu era criança, muitas idas ao shopping para conferir e comprar as grandes tendências da estação, assim como participar da montagem de desfiles e escolhas das manequins. Apesar dessa aproximação, nunca passei dos camarins, devido, provavelmente, à minha altura. Por outro lado, a questão da estética corporal aparece na minha vida acadêmica de viés. Na graduação, como bolsista de Iniciação Científica da Professora Dr^a Iara Maria de Souza no projeto “Relação Médico e Paciente no Contexto da clínica em Cardiologia”², tinha como uma das minhas atividades a observação dos diálogos que aconteciam na sala de espera do Hospital Universitário Professor Edgar Santos (HUPES) onde as interações eram analisadas. Nessas conversas, que giravam em torno de como levar a vida sendo cardíacos, algumas questões sobre alimentação, sobrepeso, beleza, hábitos sociais começaram a se delinear. As questões relacionadas à dificuldade com a mudança alimentar tomaram meu interesse e me conduziram ao Programa Vigilantes do Peso, procurando entender a trajetória de emagrecimento por uma instituição que afirma que “só é gordo quem não quer ser magro”. Sem querer, através das entrevistas que realizava com as sócias do programa retomava o caminho de estética corporal, agora, revelando-se para mim, como uma imposição social. Nesse momento o foco era um corpo feminino, de classe média, que não estando conforme os padrões queria a ele

² Núcleo de Ciências Sociais Ambiente e Saúde - ECSAS, FFCH /UFBA.

se ajustar participando de um grupo de emagrecimento³. Para essa dissertação, o diálogo que tento manter com as mulheres que me cederam suas histórias procura descobrir um corpo de mulheres de classe trabalhadoras, um corpo de mulheres populares, moradoras da periferia da terceira cidade mais populosa do país (IBGE, 2004), que muitas vezes é visto, e discutido, apenas como instrumento para um trabalho, sendo poucas vezes observado em relação ao belo.

O corpo tem sido objeto de discussão em vários campos desde a medicina, até a religião, passando pela antropologia, a arte e a psicologia, e continua ainda sendo um alvo de muita instigação. Talvez, isso decorra do fato, e esse é um dos pressupostos aqui utilizados, de que o corpo é fundamento existencial da cultura e da personalidade (CSORDAS, 1994), portando, desse modo, a cultura de seu tempo, pois é pelo corpo que se é no mundo. Esse autor conduz a sua afirmação lembrando o argumento de Mauss, em *Técnicas corporais* (1974), em que o corpo é ao mesmo tempo ferramenta original com a qual cada ser humano configura a si pela cultura, e também substância externa com a qual o mundo humano é modelado, no entanto, observa que o corpo é antes de tudo vivido pré-objetivamente, e não de modo objetivado. Na vida cotidiana, observa Merleau-Ponty (1971), os indivíduos não experimentam seu corpo originalmente como objeto de reflexão, eles são seus corpos, e é assim que eles constroem suas identidades.

Csordas nos lembra que ao falar em cultura, comumente, não se observa que é esta que é e está sempre fundamentada no e pelo corpo humano. No entanto, estamos imersos em um mundo que nos parece comum, de modo que não precisamos refletir conscientemente a cada ato, mas observamos o nosso corpo e vida como que se refletíssemos a todo o momento sobre ele. Assim, a corporeidade é colocada como ponto de partida para se pensar a cultura e a existência humana que é cultural. O corpo está como fundamento do processo de conceituação da vida que gera a objetivação; sendo, portanto a base, onde se desdobra a cultura e o pensamento objetivo.

Refletir sobre o corpo nos coloca em contato com questões como as técnicas de cuidados corporais, as dietas alimentares, as práticas sexuais, o avanço da

³ Monografia intitulada "*Voluntarismo e Vigília: discursos e práticas de emagrecimento pelo Vigilantes do Peso*", orientada por prof^a. Iara Souza e defendida em 2002 para obtenção do Bacharelado em Ciências Sociais na FFCH/UFBA.

medicina, a moda e o belo, as utilizações lúdicas do corpo, de um determinado lugar e tempo. Nunca é demais dizer que as técnicas ou regimes dos corpos são sempre, ainda que possam se diferenciar devido aos diversos modos de engajamento no mundo, mediados por uma ordem cultural; falar do corpo é sempre falar da vida cotidiana, do contato com outros, e dos vários modos de relacionar-se em sociedade. A influência desta sobre o corpo está em toda parte, nas normas, códigos e, não menos importante, na sua forma – na estética.

A dimensão estética do corpo é sempre considerada, ainda que o que se defina como belo varie através do tempo e da moda. Com o início do século XX surge a moda do corpo magro, associado à beleza, saúde e juventude, que vai ser perseguida por homens e mulheres. No caso destas, mas do que no caso masculino, embora isso venha se modificando, o culto ao corpo, devido a ajuda da mídia, torna-se uma imposição. É preciso ter um corpo belo para conseguir, trabalho, marido e sucesso (TURNER, 1989; SANT'ANNA, 1995; DEL PRIORE, 2000).

O estilo de vida moderno, adotado no Brasil principalmente a partir da influência dos Estados Unidos, implica na busca da aparência bela, nesse sentido a disciplina corporal passa a ter um papel importantíssimo de promoção individual por estar ligada ao sucesso, ao êxito (SANT'ANNA, 1995; COURTINE, 1995). Porém, esse mesmo estilo de vida conduziu, de um modo adverso e mais imediato, a uma população urbana sedentária (decorrente das transformações tecnológicas como mecanização do trabalho, facilidade dos transportes de massa, criação de elevadores e escadas rolantes, controles remotos, etc.); e que se alimenta de gorduras e açúcares (resultante da ingestão de alimentos rápidos, a exemplo dos *fast foods*), gerando, portanto, uma propensão a um acúmulo de gordura corporal (SANT'ANNA, 1995), que colocou o Brasil como segundo lugar no ranking dos países em número de pessoas com excesso de peso. Esta estética corporal, ao colocar de um lado os magros dentro da moda, e do outro, gordos estigmatizados, entra em contradição com o caminho em que se desenvolveram as sociedades urbanas ocidentais, que exige um corpo que reflita o triunfo e agilidade.

As mudanças alimentares, conduzidas pela publicidade, além de introduzir novos hábitos criam novas expectativas de consumo que acabam por gerar uma má alimentação nutricional que também pode causar acúmulo de gordura.

Ser magro, entretanto, não decorreria apenas dos hábitos alimentares, mas também do estilo de vida e do status de uma dada classe social, tornando-se a expressão simbólica do uso social que é feito do corpo dessa população: assim, de um lado estaria o corpo promoção, que conduz à satisfação de desejos e ao enriquecimento material, e do outro o corpo forte, ativo, instrumento, possível de trabalhos braçais.

A valorização da magreza como um dado estético a ser perseguido pode ser relacionado, de um modo geral, à atenção dada a aparência física em oposição à força física, mas também está correlacionada à percepção de sexualidade, higiene, saúde e também a hábitos alimentares (BOURDIEU, 1979; BOLTANSKI, 1989; AGUIRRE, 2005).

O aumento do número de cirurgias plásticas, juntamente com novos recursos da ciência⁴, constitui um indicativo da importância, para a população, de seguir os padrões estéticos socialmente estabelecidos. No entanto, será possível afirmar que esses padrões são seguidos por todas as esferas da sociedade de um mesmo modo, ou cada grupo (social, etário, de gênero, etc.) adquiriria diferente relação com seu corpo, em relações aos sintomas e tratamento das doenças, como em relação à moda e estética?

Seria possível afirmar que o culto à estética magra torna-se mais evidente junto à população de alta renda, como um reflexo das questões econômicas no âmbito social? Seria possível afirmar que a população trabalhadora por ter que usar a sua força física não olharia esteticamente para o seu corpo?

⁴ As cirurgias são realizadas com menor risco para os “pacientes”, em menor tempo e com cicatrizes quase imperceptíveis, o que seria uma nova vantagem estética. Também o custo reduziu bastante.

Objetivos e hipóteses

O principal objetivo do trabalho é analisar o padrão estético de mulheres moradoras de um bairro popular da cidade de Salvador em relação às noções de corpo belo vigentes. Para isso realizei entrevistas com mulheres maiores de 18 anos, residentes no bairro de Pau da Lima, visando compreender como são elaboradas suas imagens e comportamentos corporais, noções de estética e de saúde, e hábitos alimentares.

A pergunta mais geral do trabalho é sobre se as mulheres das classes populares conformam-se às noções de estética corporal e alimentares imputadas pela mídia ou se a reelaboram a partir de suas vivências. A hipótese por detrás dessa questão é de que existiria nesses bairros um modo de vivenciar o corpo que se diferenciaria das imagens estéticas e comportamentais atribuídas pelos meios de comunicação e que, de modo geral, alcança com maior êxito os grupos mais abastados. A partir dessa hipótese, levanto outra mais particular que explica a análise entre grupos etários: existindo o padrão ele abarcaria de modo igual as mulheres em todas as suas idades? Em Pau da Lima, pode ser notado um crescente assentimento dos padrões da mídia, em relação a usos o corpo, principalmente sobre os mais jovens. Poderíamos falar de uma diferença de padrões por gerações?

A partir das hipóteses citadas acima surgem os objetivos específicos do trabalho:

1. observar e analisar as concepções e práticas em relação ao corpo das mulheres pertencentes ao bairro em relação ao cânone de beleza atual;
2. analisar se e como estes indivíduos elaboram práticas de mudanças comportamentais visando se enquadrar no modelo de “padrão ideal”;
3. examinar o cotidiano das moradoras do bairro pertencentes à diferentes faixas etárias, visando analisar as diferenças e semelhanças, em relação às suas experiências corporais.

A pesquisa foi desenvolvida no bairro de Pau da Lima, bairro pertencente à periferia da cidade de Salvador. As entrevistas foram realizadas na parte do bairro em que os

moradores delimitaram como bairro de Pau da Lima, o que se diferencia do bairro institucional, e aconteceram nas casas e em bares, academias, praças, lugares de atividades cotidianas, e visavam analisar as experiências de vida das mulheres e seus hábitos culturais, corporais e alimentares e a trajetória de suas imagens corporais.

Inicialmente havia cogitado colocar o sobrepeso (IMC>25)⁵ como um critério para escolha das mulheres do bairro, mas após alguns dias de campo uma das minhas suposições começou a se configurar: era difícil encontrar, a “olho nu”, garotas de 18/20 anos que pudessem ser ditas como acima do peso. Se junta a isso a dificuldade desta pesquisadora de “imaginar” idades corretas das pessoas, vendo as mulheres do bairro com mais idade do que elas realmente tinham devido possivelmente a uma postura corporal própria delas e provavelmente a uma diferença de visão de mundo e de estética minha.

A primeira vez que cheguei em Pau da Lima foi direcionada pela dissertação, sabia através da universidade, da existência um centro de saúde, em que uma endocrinologista e uma nutricionista tinham, entre outros objetivos, a tentativa de deter o aumento de sobrepeso no bairro. Iniciei, desse modo, a minha incursão pelo bairro acompanhando as visitas médicas desse grupo às casas dos moradores. Tais visitas médicas repetiam um padrão de atividades em que primeiro eram realizadas perguntas clínicas sobre saúde/doença, e depois as pessoas eram pesadas e medidas. As que estavam com sobrepeso ou qualquer outro tipo de complicação tinham uma consulta agendada na clínica. Aproveitava os momentos de pesagem para conversar um pouco sobre as atividades dessas pessoas - em sua unanimidade feminina, provavelmente, devido o horário da manhã - sobre alimentação e atividades cotidianas.

Uma semana mais tarde voltei sozinha para conversar e gravar entrevistas mais direcionadas ao meu trabalho. Nessas entrevistas comecei a perceber que muitas vezes os diálogos eram conduzidos para respostas que me fossem satisfatórias. Exemplifico com a história de uma moça, que não me cedeu entrevista gravada, mãe de duas crianças com menos de cinco anos; no nosso primeiro encontro, junto com o médico do centro, ela relatou sempre usar água filtrada ou fervida

⁵ O Índice de Massa Corporal é adquirido dividindo o peso da pessoa, em quilos, pelo quadrado da sua altura (IMC = P(kg)/A²).

principalmente para uso das crianças. A cozinha conjugada com a sala me permitia ver inexistência de um filtro por ali. Voltei nessa casa mais uma vez, e conversamos informalmente, caminhando pelas ruas devido a uma pequena reforma na parede da entrada, e apenas no nosso terceiro encontro foi possível realizar a entrevista. Estávamos na sala já após a entrevista, numa conversa sobre cotidiano, quando uma das filhas pediu leite, ela interrompeu a nossa conversa e foi resolver a solicitação, no entanto o leite foi feito com a água diretamente da pia da torneira. A diferença entre o discurso e a prática, me fez refletir sobre o modo que eu estava sendo apresentada para a comunidade. Mesmo tendo recusado o uso do jaleco oferecido pelo centro para o acompanhamento das visitas, eu tinha sido apresentada à comunidade pelos médicos, logo a minha figura estava relacionada a eles, o que fazia com que as respostas fossem direcionadas às expectativas clínicas. A partir desse momento passei a ir a campo sempre sozinha na tentativa de me desvincular dessa imagem de poder que, naquele momento, não me seria útil. No entanto foi a partir dessas primeiras entrevistas que comecei uma rede de relações com as mulheres do bairro.

Desse modo a escolha das mulheres ocorreu aleatoriamente, inicialmente nas ruas escolhidas para visita pelos médicos e depois através de indicações das próprias entrevistadas. Como é comum em estudos onde as fontes informativas decorrem de redes de relacionamento, esse método estava restringindo os encontros apenas às mulheres com mais de 30 anos que muitas vezes casadas, estavam em casa, cuidando dos filhos e das atividades domésticas, por estarem desempregadas, ou numa dupla jornada, em que administravam nas próprias residências, a vida familiar e o trabalho (lavadeira ou manicure).

Para encontrar as mulheres ligadas ao outro grupo passei a frequentar alguns lugares de trabalho como salão de beleza e lojas de roupa ou de artigos de papelaria, onde sempre comprava alguma coisa e conversava sobre o meu trabalho logo arranjando uma pessoa para entrevistar, desde que eu aguardasse até o final do expediente ou retornasse no outro dia mais cedo o que poderia gerar a entrevista gravada ou não. A visita na AMPLI, associação de moradores do bairro local, além de proporcionar entrevistas me possibilitou um maior conhecimento do bairro.

Foram utilizadas entrevistas visando obter dados sobre alguns elementos de suas vidas, tais como: os diferentes olhares sobre o próprio corpo; o conceito do belo no corpo feminino; hábitos alimentares; os cuidados corporais; o processo de percepção do belo fornecido pela mídia; modificações alimentares e comportamentais visando emagrecimento ou um enquadramento no modelo de beleza; atividades físicas e sedentarismo. A utilização das narrativas aparece na tentativa de alcançar o contexto temporal em que as experiências acontecem e ganham sentido, já que é apenas em relação à vida, ao cotidiano, à tradição, que as idéias e reflexões sobre seus corpos e suas experiências a respeito da beleza importam.

A entrevista gravada seguiu um roteiro criado a partir das principais categorias para alcance do objetivo (tais como práticas corporais e de alimentação). A análise foi realizada em dois momentos, o primeiro em que a atenção recai no encadeamento do relato visando avaliar como essas mulheres interpretam suas trajetórias corporais, constroem a sua autoimagem e lidam com seus corpos; onde procuro identificar a existência de alguns padrões ou tipos corporais compartilhado. No segundo momento procuro analisar as relações dessas mulheres, no que se refere ao modelo corporal, com a família e amigos; o interesse da investigação aqui se foca nas redes de sociabilidade e dos processos interativos que podem conduzir ou restringir a aceitação de um padrão estético, comportamental ou alimentar.

Alguns dados gerais e quantitativos do IBGE foram usados como registros secundários, e serão entrecruzados com as observações de campo e as entrevistas, assim como para uma explanação geral da situação do sobrepeso ou do bairro de Pau da Lima; são os resultados da Pesquisa sobre Padrões de Vida⁶ (PPV/IBGE, 1996/97) e Pesquisa de Orçamento Familiar⁷ (POF/IBGE, 2002/03).

⁶ A PPV foi realizada no período de março de 1996 à março de 1997, com uma amostra de 19 mil indivíduos e cinco mil domicílios nas regiões nordeste e sudeste do país, entre elas Salvador, visando fornecer informações para o planejamento e análise de políticas públicas e programas sociais e girava em torno de temas como Educação, Saúde, Moradia, Trabalho, Anticoncepção, etc.

⁷ A POF que teve por objetivo medir os gastos de consumo e dos rendimentos das famílias urbanas e traçar um perfil das condições de vida da população brasileira a partir da análise dos orçamentos; a pesquisa que tem abrangência para todo o país foi realizada nas cinco regiões com aproximadamente 14.000 famílias entrevistadas. (fonte: http://www2.Fgv.br/dgd/arq/POF_2002_2003.pdf)

O CENÁRIO

Uma pequena história e etnografia do cenário

– Pau da Lima

Para chegar ao bairro, a partir do centro da cidade, é preciso tempo, os ônibus demoram cerca de 1h, saindo da Estação da Lapa⁸, para chegar até lá, seja pela BR 324, seja pela Avenida Luis Viana Filho, mas conhecida como Avenida Paralela, a 20 km do centro de Salvador.

O bairro não se diferencia muito de outros logradouros da periferia da cidade: ruas esburacadas, edificações sem reboco lateral, templos para todos os credos (Católica, Espírita, do Reino de Deus, Candomblé). Tem duas ruas principais: a Rua Aliomar Baleeiro seu acesso a partir da BR, repleta de lojas de autopeças e oficinas e a Rua São Rafael que liga o bairro à Avenida Paralela. Embora não atravessem todo o bairro essas ruas são importantes rotas de ligação também para outros bairros como Sete de Abril, Castelo Branco e Nova Brasília.

Em suas ruas mais largas e que estão situadas na parte mais alta do bairro, como a Jayme Vieira Lima, existe desde salões de beleza, farmácias, igrejas e escolas, e pequenas galerias comerciais (chamadas pelos moradores de Shoppings) até um supermercado de grande porte. Por ela várias ruelas descem encostas e muitas vezes se transformam em barrancos.

⁸ A Estação da Lapa, estação de ônibus urbanos de Salvador surgida em 1985, tem linhas de ônibus para quase todos os bairros da cidade e também para algumas cidades vizinhas. Bastante importante por está situada em um bairro central e comercial da cidade, tem acesso a dois shoppings (Piedade e Lapa).



Foto 1- Largo de Pau da Lima

Essa grande quantidade de comércio é exatamente o que diferencia de outros bairros periféricos, Pau da Lima é, sem dúvida, um bairro grande e de grande movimentação. Ao mesmo tempo em que é um bairro residencial, tem ampla atividade comercial com lojas de renome e existentes em outros bairros mais centrais da cidade, inclusive em Shoppings. Tal desenvolvimento comercial pode ser visto como uma tentativa do bairro atender as suas necessidades em decorrência da sua distância com o centro da cidade, assim como da precariedade dos meios de transporte.

De um modo geral o amplo bairro de Pau da Lima concentra suas atividades comerciais e de serviços em suas vias principais, com mercadinhos e uma grande quantidade de lojinhas de roupa e salão de cabelo/barbearia.



Foto 2 - Rua Jayme Vieira Lima

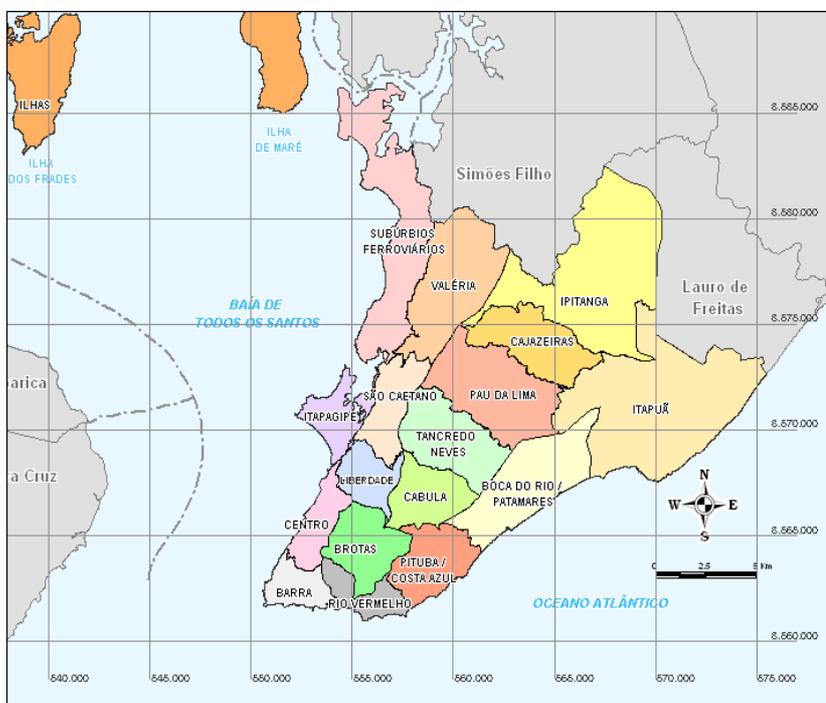
A grande circulação de transportes públicos, pessoas e ambulantes não se diferencia das ruas do centro de Salvador, apenas as lojas ficam abertas até mais tarde, 20h, contras às 18h no centro.

As paredes grafitadas dos muros do bairro, para quem chega pela BR 324, quebram um pouco o caráter ocre do resto do bairro. Visão menos interessante é a de quem vem da Paralela e deixa para trás a pista lisa que acompanha o morador apenas até o Hospital São Rafael, já na Administração Regional (AR) de Pau da Lima, mas que segundo os moradores, pertence ao bairro vizinho, São Marcos.

A questão sócio-espacial é bastante intrigante no bairro, já que não há uma delimitação clara do espaço pertencente ao bairro Pau da Lima, como é comum a outros bairros da cidade. Segundo divisão regional realizada pela prefeitura o bairro tem uma área de 2.135 km² e, embora seja um bairro periférico, situa-se em termos geográficos no centro do município de Salvador, constituindo juntamente com outros bairros vizinhos o chamado miolo da cidade (denominação recebida pelo Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano para a Cidade de Salvador – PLANDURB, em 1970).

De acordo com a população o bairro, no sentido da Paralela, se estende na Avenida São Marcos apenas até a sede da Associação de Moradores/AMPLI, a partir dali começaria o bairro de São Marcos. No sentido BR, não há um consenso sobre essa delimitação, mas é clara a existência de vários sub-bairros à medida que se afasta do Largo⁹.

Segundo a atual divisão administrativa da cidade o bairro com uma grande população de baixa renda, considerado o terceiro mais populoso da cidade com aproximadamente 120.000 habitantes, faz parte da Administração Regional (AR) XIII que abarca também os 11 *bairros* vizinhos, (PMS,SEPLAM,FMLF: 2006).



Mapa 1 - Regiões administrativas da cidade de Salvador

Eminentemente rural até a década de 50, essa área passou a receber, a partir da década seguinte, uma parte da população urbana que foi em grande parte segregada do centro da cidade em decorrência do crescimento populacional desordenado.

⁹ As entrevistas ficaram restritas a mulheres que morassem dentro da delimitação dos próprios moradores.

A história do surgimento do bairro é contada segundo duas vertentes. A primeira, resultado do trabalho de resgate oral dos moradores mais antigos argumenta que o bairro teve início nos anos 50 com uma comunidade formada numa parte da fazenda que D. Maria Alexandrina Ferreira, também conhecida como a mãe de Seu Marcos, havia ganhado do imperador por serviços prestados à corte.

O único meio de transporte urbano ao local era uma “condução” que saía de Salvador em direção ao distrito que hoje chamamos de Lauro de Freitas, passando pela Estrada Velha de Ipitanga (Estrada Velha do Aeroporto). Era comum o condutor perguntar se algum dos passageiros desceria no pau da lima, se referindo a uma árvore de limeira que havia na estrada e que dava acesso à fazenda de D. Maria, e que, por fim, delimitou e nomeou o bairro. Ainda, segundo o relato desses antigos moradores, a fazenda foi subdividida para os vários filhos de D. Maria, sendo que muitos deles viraram nomes de bairros vizinhos como o bairro de São Marcos, e de ruas, tais como Rua Agda Ferreira, Rua Alexandre Ferreira e Rua São Vicente (Vicente Ferreira)¹⁰.

Pela outra versão contada por uma escola municipal local, a nomeada fazenda Pau da Lima pertencia a D. Pedro II, que antes de retornar a Portugal fez a doação da terra para uma de suas escravas, cujo nome era Maria e que ali viveu por muitos anos, vendendo a terra para outra Maria que por fim vendeu ao Sr. Alexandre Ferreira. Após a morte deste a fazenda foi dividida em cinco sítios chamados São Marcos, São José, Senhor do Bonfim e Santo Antônio. Com o posterior loteamento dos sítios, por volta de 1950, formou-se o bairro de Pau da Lima.

A partir daqui a história dos moradores passa a coincidir com a história “oficial” de instituições como CONDER e a CODESAL, responsáveis pelos planos de desenvolvimento urbano da cidade. Nos anos 70, inicia-se a implantação do PLANDURB visando enfrentar os “desequilíbrios sociais” através da reestruturação urbana e de novas diretrizes relacionadas à habitação, entre outras a ordenação e o assentamento urbano dessas áreas suburbanizadas da cidade, pelo meio de loteamentos de chácaras agrícolas. A subdivisão da “fazenda” de D. Maria Ferreira, deve datar desse período, incentivada pelo governo com o objetivo da construção de conjuntos habitacionais. A modificação do sistema de transportes urbanos, no fim

¹⁰ O relato da formação do bairro resultou de um trabalho realizado junto com a comunidade e me foi cedido na sede da AR- XIII.

dessa mesma década e o surgimento da Avenida Paralela, como impacto da implantação do Centro Industrial de Aratu – CIA (1966) e do Pólo Petroquímico de Camaçari (1972), também influenciaram o crescimento para o Miolo, já que possibilitaram a investida de setores secundários e terciários da economia, ocasionando a pavimentação do bairro e a finalização de conjuntos habitacionais.

Na década de 1980, a cidade de Salvador continua a crescer para as áreas periféricas, principalmente em decorrência da implantação dos vários conjuntos habitacionais através da URBIS e de financiamentos do BNH, Pau da Lima torna-se centro dessa expansão populacional, absorvendo uma população de desabrigados tanto através de programas governamentais quanto de ocupação espontânea. Essas ocupações, devido à falta de escritura e de licença urbanística, vêm enfatizar a segregação desses habitantes que:

“Crescem e se densificam à margem de índices de conforto coletivo, por não seguirem parâmetros de ocupação e de segurança de construção, bem como carecem de infraestrutura adequada pelas dificuldades de implantação, pela ausência de áreas livres, de equipamentos coletivos, de áreas adequadas de circulação e de espaços verdes para o conforto ambiental e o lazer.” (SOUZA, 2000)

Hoje, a maioria da população do bairro vive em média com um salário mínimo, enquanto uma boa parte se sustenta com aproximadamente cinquenta reais referentes a benefícios como Bolsa Família (PROFORMAR, 2006). Os problemas que o bairro apresenta em sua infraestrutura urbana e de saneamento básico refletem nessas ocupações espontâneas e governamentais: se por um lado as construções nas ruas e avenidas principais obedecem a técnicas de ocupação regular, com reboco e saneamento básico, adequada rede de esgoto e coleta de lixo diária; por outro as habitações das vielas e encostas quando muito apresentam apenas o reboco de fachada, não o tendo muitas vezes nem na parte interna das casas. A precariedade da construção sem orientação e sem recursos técnicos tais como conhecimento de engenharia ou arquitetura, tornam-nas muitas vezes condenadas. Por outro lado, o fato de terem sido construídas por mutirões sem apoio governamental faz com que careçam de rede de esgoto ou fossas sépticas, dispondo somente de valas que permanecem abertas. As autoconstruções ilegais

decorrente de mutirões embora reflitam a falta de alternativas habitacionais são comumente vistas como uma boa prática de solidariedade entre a população local.



Foto 3 - Visão parcial do bairro.
Ao centro, o "pistão" onde os moradores fazem atividades físicas

A falta da coleta de lixo é resolvida com o “despache” deste nas mesmas encostas onde se encontram moradias, construídas de modo precário causando possibilidade de deslizamento e doenças. Outro problema, decorrente desse crescimento desorganizado, é o transporte público que, assim como em outros bairros da cidade, não atende a sua função de integração socioeconômica entre os moradores locais e o centro urbano por não acolher a demanda populacional local com apenas quatro linhas e uma frota de ônibus reduzida (SETEPS).

Quanto ao lazer, o bairro pode ser dito privilegiado se comparado à outros bairros periféricos. Conta com duas bibliotecas – Biblioteca Professor David Mendes Pereira e Sala Verde; duas salas de cinema – Ponto Alto 1 e 2, situadas em um shopping de tamanho médio; uma quadra de futebol – Liga Desportiva Clériston Andrade e uma área de show – Espaço Axé.



Foto 4 - Rua Cap. Theógenes S. Bulcão, transversal da Rua Jayme Vieira Lima

Desses estabelecimentos de lazer apenas a casa de apresentações e uma das bibliotecas, a Sala Verde da Secretaria do Meio Ambiente (SMA) juntamente com a Fundação Cidade Mãe, ficam no espaço delimitado pelos próprios habitantes como o bairro de Pau da Lima, sendo que os outros ficam em São Marcos. Com exceção das bibliotecas, que são praticamente desconhecidas da população (as minhas entrevistadas nada sabiam sobre elas), os demais espaços são frequentados pela população local.

Periferias

Espacialmente a periferia é classificada como uma área da cidade que, por se situar distante do centro urbano, não alcança o grau de urbanização e infraestrutura decorrentes de questões políticas e econômicas (PALLONE, 2005). O termo pode ainda ser utilizado para indicar algo que é carente, precário; o que está distante dos cuidados públicos, um lugar dos pobres¹¹ (CALDEIRA, 1984 apud ÁVILA, 2006).

Essas duas visões nos oferecem um senso de um espaço distanciado do centro econômico e social, podendo se incorporar a ele posteriormente, decorrente do crescimento habitacional e também comercial/industrial, gerando muitas vezes uma precariedade sociocultural.

No cotidiano podemos ouvir, também, muitas vezes o conceito de periferia fundido, ou confundido ao de subúrbio, ou ainda, por vezes, apenas aludido ao que está à margem de algo dito como mais importante, ou simplesmente ao centro urbano.

Afastada do centro e com um desigual acesso ao solo a periferia aparece a um primeiro momento não só como uma segregação espacial, mas também relacionada à exclusão social de direitos à cidadania e ao conforto urbano, visto que as carências habitacionais, de falta de infraestrutura e apoio governamental, se juntam à falta de desenvolvimento urbano e qualidade de vida. Índices altos de indicadores sociais tais como abandono social, violência, insegurança pessoal e jurídica, assim como as privações em áreas como saúde, educação e cultura, extrapolam a materialidade da pobreza.

A essa visão mais difundida sobre os bairros populares e periféricos da cidade devemos acrescentar as novas discussões acerca da ocupação dos espaços urbanos que levam em conta a agência dos atores ali inseridos, ampliando as análises além da segregação existente para sublinhar as disputas por direito e cidadania que ali permeiam. Sob estes olhares a periferia é tida como um espaço de existência cotidiana que é constituído em decorrência das lutas de identidades na busca de divisão do mundo social, que só se constitui como social por ser resultado de interações humanas, mas que também é condição para o desenvolvimento

¹¹ É preciso aqui chamar a atenção aos novos condomínios que embora sejam construídos distantes do centro urbano tem outra significação simbólica, tais como os existentes nas praias de Stella Mares e Ipitanga, e os de Vilas do Atlântico.

destas mesmas relações; seja através da aceitação dos modos de vida fornecidos pelos grupos centrais, locais ou mesmo mundiais, assim como pela sua refutação¹².

O bairro de Pau da Lima, enquanto bairro periférico pode ser visto como resultado de uma segregação espacial que aparece tanto nas relações de exclusão dos direitos e benefícios urbanos - estando em relação oposta, ou ao menos diferenciada, do centro urbano -, quanto na formação de novas identidades socioculturais.

As periferias podem ser vistas, como observa Soares (2006), como territórios populares, ou seja, a “outra face da moeda” em relação à cidade legal, que possui os equipamentos urbanos e que detém a atenção dos órgãos públicos, estando dessa forma associadas, não à relação espacial em si, mas ao modo em que o espaço é apropriado e a identidade nele gerada.

“Por que “territórios populares” e/ou espaços populares? Para além da geografia ortodoxa que supõem um conceito de território circunscrito a um recorte espacial sob a influência de um poder, elegemos um conceito de território que se constitui a partir das práticas e das condições socioeconômicas de seus habitantes, um ambiente no qual se produz a identidade coletiva de uma comunidade.” (SOARES, p.21: 2006)

As pessoas de classe popular¹³ que habitam as periferias estariam fora da fronteira da cidade; uma fronteira que não se trata de um limite territorial, mas prioritariamente, de diferenças culturais, étnicas, de classes, religião, e até econômica, existentes entre esses bairros e os bairros centrais da Salvador. Assim, falar de fronteiras é tratar de intersubjetividade, porque pressupõe um vínculo social que gera intercâmbios, mas que se fundam no sentimento de pertencimento (TARRIUS, 2000).

¹² Bourdieu fala de *di-visão* enquanto um *ato mágico* (que faz do nomeado um existente) eminentemente social que determina uma quebra na continuidade natural da região, e que gera fronteiras, ou seja, descontinuidades entre o dentro e o fora, o sagrado e o profano, o pertencente ao grupo e o estrangeiro. As lutas referentes às identidades étnicas seriam um exemplo da luta pela classificação e imposição de uma definição, ou seja, de um “sentido e o consenso sobre o sentido”, sobre os princípios de *di-visão* do mundo social (2004:113).

¹³ Sader e Paoli (1986) salientam que ao falar de “classes populares” o que se procura compreender são as práticas dos atores sociais em movimento, ao contrário de querer uma delimitação precisa das colocações de classe ou frações destas.

Giddens (2002) observa que a escolha de um modo de ser, dentre tantos, provém do jogo dialético entre o local e o global, onde o estilo de vida torna-se cada vez mais importante na construção da identidade e da condução da vida cotidiana na modernidade.

Na mesma linha Bourdieu (2004) ressalta que falar de identidade, enquanto ligada à origem, é falar de pertencimento, sua construção resulta de estratégias para tratar as diferenças, de manutenção da memória do grupo sobre si e de reconhecimento; representações mentais e objetivas que na prática social orientam ou determinam a representação mental do grupo.

Seguindo tal reflexão, podemos observar essas fronteiras como geradoras de territórios diferenciados onde a identidade e a corporificação continua progressivamente a se constituir no tempo, de formas e através de ligações diferentes, sem perder a ligação com o lugar de origem, nesse caso o centro urbano de Salvador, não necessariamente por ser o/um lócus originário; mas por aludir tanto ao centro comercial da cidade, como também aos bairros residenciais não populares desta, seus hábitos socioculturais, seu estilo de vida.

Ao discutir e conceituar o espaço social, Bourdieu (1997, 2004) lembra que este é um espaço multidimensional, onde vários campos e seus valores se inter cruzam, de modo a oferecer aos agentes posições e condições específicas. Tais posições podem aglutinar os agentes de modo a conduzi-los às mesmas práticas, atitudes e interesses, o que por fim faria surgir o *habitus* de classe¹⁴, enquanto conjunto de predisposições incorporadas que unifica práticas de existência. Não estando restritas apenas à questão econômica, ligada à profissão exercida e aos recursos gerados, ou seja, a sua posição no processo de produção, são na verdade princípios de seleção e exclusão decorrentes de uma conjunção de fatores, tais como aquisição de diferentes capitais, a distribuição e práticas cotidianas num determinado espaço, que não é nunca neutro, e que nesse caso é a periferia com todas as suas peculiaridades.

¹⁴ Ao falar de classe Bourdieu observa que trata de um conceito explicativo, deixando bem claro que esta aparece decorrente de um conjunto de agentes que, em “condições ideais”, ocupando condições semelhantes, terão probabilidade a atitudes e interesses semelhantes, resultando em práticas semelhantes. No entanto, embora sendo apenas um recurso metodológico, existe a probabilidade, afirma Bourdieu, de que elas “constituam grupos práticos”, ela é uma classe provável (BOURDIEU, 2004, p. 136). O que interessa aqui como já foi sinalizado não é a classe enquanto mobilização para luta, e sim enquanto um engajamento prático decorrente da existência em um mesmo campo gerador de estilos de vida comuns.

Assim, ao falar do corpo popular pode-se pensar um corpo-ferramenta já que direcionado a um trabalho árduo em busca do sustento, mas não se deve deixar de observar as suas imbricações nas relações cotidianas atuais, assim não apenas um corpo trabalhador, mas também um corpo que interage em outros campos que não só o da produção.

A noção de periferia, aqui estabelecida, se aproxima desse entendimento de território, que por ter práticas cotidianas, cultura e condições socioeconômicas comuns que sinalizam um *habitus*, que estrutura as relações culturais e identitárias locais ao mesmo tempo em que é dela um produto.

Podemos entender, portanto, que viver na periferia, devido, por exemplo, a grande falta de infraestrutura, conduz a uma imersão no mundo diferente da imersão vivida por quem habita e trabalha em grandes centros urbanos ao mesmo tempo em que esses modos de vida aparecem a ela relacionado.

As diferenças existentes entre o periférico e o centro e as relações daí decorrentes geram interferências nas construções e reconstruções identitárias, já que essas são demarcações das propriedades simbólicas, e não apenas físicas de uma região. A crescente renovação e distribuição das informações geram questionamentos e modificações nas relações entre os modos de ser constituído entre os dois espaços, assim como nas identidades, por possibilitar construções de novas redes sociais.

Assim, para esse trabalho busco refletir a periferia de um modo mais próximo dos indivíduos que a habitam, estando vinculado às suas construções pessoais (corporais e identitárias). Se a morada, e nesse caso me refiro tanto ao bairro quanto à habitação e à vizinhança, serve como base para a constituição de identidades coletivas, pode-se pensar a periferia como um *locus* do estar no mundo, que por suas especificidades permite aos indivíduos que nela habitam se movimentarem, compartilharem, pensarem e se verem de um modo específico no mundo.

As imagens que se tem do corpo, as suas utilizações e relações, assim como os hábitos alimentares e estéticos, são decorrentes dos grupos comunitários, das classes ou dos campos em que estão inseridos e contribuem para a formação de identidades próprias, logo periferia deve ser entendida enquanto lugar de uma

experiência diferenciada em relação ao corpo, conduzindo a uma corporalidade própria entre os que ali habitam.

NOÇÕES DE CORPO

A história do corpo na sociologia

Devido ao seu caráter interdisciplinar, o corpo tem sido amplamente discutido nas ciências humanas. Eminente centro de discussão nas ciências biológicas até metade do século passado, o raio de interesse pelo tema teve sua expansão a partir de preocupações com a saúde coletiva e as noções de higiene como práticas de cuidados para a preservação não só da saúde, mas da manutenção da ordem social. Assim, das tradicionais visadas em seus princípios fisiológicos, desenvolvidos em primeira linha nos estudos médicos, o corpo começa a ser estudado em sua acepção social; mas, nesse momento, ainda não em uma perspectiva sociológica.

Aparecendo de forma coadjuvante em etnografias anteriores a esse período, a discussão voltada para a temática do corpo chega às análises socioantropológicas com Marcel Mauss, em *As Técnicas Corporais* (1936), dando ao corpo uma noção cultural. Pretendendo fazer uma teoria dos modos de agir socialmente, Mauss apresenta o corpo como o primeiro e mais natural instrumento utilizado pelo homem na configuração do mundo, mas que é também por ele influenciado: é objeto e meio técnico. Buscando evitar um reducionismo psicológico chama atenção para o fato que as técnicas corporais, a despeito de seu aprendizado ocorrer de uma forma não-consciente, são em igual forma, também, sociais e biológicas.

Mauss se coloca em uma posição relativista ao observar que as atitudes corporais são resultados de técnicas específicas que pertencem sempre a uma época e lugar, são hábitos sociais, não enquanto algo adquirido conscientemente ou enquanto

imitações individuais, e sim como resultados de técnicas sociais que visam uma “adaptação” do corpo a um emprego social. Observa que as técnicas corporais são culturais e decorrem de um ensino, embora a utilização do aprendido não decorra da “memorização” e sim de um *habitus*, que variaria a cada sociedade, educação, conveniência, moda, prestígio, etc. Embora o autor do ato pense no seu movimento como um fenômeno de ordem mecânica, ele é apreendido, sendo, portanto, um acontecimento de ordem cultural.

No entanto, ao argumentar que o corpo é ao mesmo tempo uma ferramenta que molda o mundo e uma substância com a qual o mundo é modelado¹⁵ Mauss coloca o corpo como uma entidade objetiva. Influenciado pelo racionalismo cartesiano, essa visão dicotômica contrapõe, por um lado, a mente, que é colocada como superior e, portanto, direcionadora do corpo, e por outro, seria apenas uma máquina a seu serviço. Nessa concepção, o homem, com exceção do campo da razão, fica reduzido a um objeto mecanizado. Nas palavras do autor “tudo em nós todos é comandado” (1974, p.216).

Também nas atividades cotidianas estaríamos diante de dois momentos distintos: o primeiro de reflexão e apreensão *do* mundo e o segundo de ação *no* mundo. A mente, colocada como superior, em contato com as situações vividas apreenderia, decodificaria e comandaria o corpo que, como uma ferramenta, executaria o comando. Mas uma vez, o corpo é colocado como mero executor em função de uma mente pensante, que tem o papel ativo de transformar o mundo em conceitos e códigos.

Essa visão dicotômica pode conduzir a uma explicação onde o corpo é analisado apenas como uma representação da sociedade e de suas teias culturais, que recebe em si as imputações da cultura e não que age intencionalmente nela, porque o sujeito não tem agência. Uma explicação baseado nessa visão em que mente e corpo aparecem de forma desvinculada é apresentada por Rodrigues em seu livro “Tabu do corpo” (1983, p. 43):

“Vimos que Cultura funciona como uma espécie de grade que se *aplica* sobre um território originalmente indistinto, seccionando-o e estabelecendo entre

¹⁵ “O corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. O mais exatamente, sem falar de instrumento, o primeiro e mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico do homem é o seu corpo” (MAUSS, 1997, p. 217).

partes, assim constituídas, contrastes e diferenças que se responsabilizam, a partir de então, pela constituição do sentido. Vimos também que esta atribuição de sentido ao mundo só se torna possível porque a sociedade é ela mesma, um sistema estruturado cujos componentes relacionam-se segundo uma determinada lógica, lógica que é *introjetada nas mentes dos indivíduos e, por esse caminho, 'projetada', sobre o mundo*, na medida em que este, para ser apreendido pelos indivíduos, deve ser representado em suas mentes e, portanto 'concebido' ". [grifos em itálicos meus]

Nesse conceito aparece claramente a ruptura entre mente/sujeito/cultura em contraposição ao corpo/objeto/biologia. O sujeito aparece totalmente desprovido de agência, já que até o sentido das ações é dado de fora. A cultura é recebida nas mentes dos indivíduos no momento de compreensão do mundo que é feita através da representação, deixando de fora uma compreensão feita no e pelo corpo a partir de uma vivência no mundo cultural, o que exclui da análise a subjetividade e a intersubjetividade. O corpo aqui só pode aparecer objetivado como sistema biológico que recebe intervenção da sociedade através da religião, da classe, da família ou através das técnicas corporais.

Contrapondo-se a essa análise, Csordas procura demonstrar uma imbricação entre corpo e cultura, em que a última ocorre fundamentalmente devido a experiência que é corpórea, por ter o corpo como seu lócus. De um modo didático faz uma análise dessas discussões, em que o corpo é demonstrado a partir de tal ruptura em que o mundo só pode ser inteligível porque pode ser representado, e aponta para a distinção entre três momentos, ou tipos embasados nessa mesma premissa da representação.

O primeiro seria a discussão do corpo como local de significação dos usos culturais, "corpo analítico", que inclui a análise dos modos e das técnicas corporais - como andar, como vestir, como falar, como nadar ou correr – onde o corpo tem a importância de carregar nele os símbolos sociais de uma determinada cultura. Exemplo desse tipo seria a conceituação de Mauss das técnicas corporais como "maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos" (1974, p. 211). Cada sociedade tem, desse modo, um *habitus* que lhe é próprio, e decorrente de formas específicas de socialização e

valoração, de maneira que ao observar o comportamento de uma criança à mesa, exemplo dado por ele, pode-se chegar ao conhecimento de sua nacionalidade.

Um segundo tipo seria a literatura relativa ao “corpo atual” onde a análise estaria voltada a compreender o corpo em relação a um domínio cultural, como a saúde, a dominação política, a religião, o gênero, a tecnologia, por exemplo. Nessa literatura o corpo já aparece com uma possibilidade de engajamento social, mas ainda é uma representação da cultura. Uma discussão do controle social sobre os corpos dos indivíduos visando uma dominação política, como faz Foucault (1995,1998), estaria dentro deste tipo. Ao procurar tratar das disciplinas sociais que regulam os indivíduos, este autor, irá desembocar na ideia de corpo político, seja sob a forma da punição ou sobre a forma médica. É o corpo que apenas se torna útil socialmente se colocado como produtivo e submisso, ou seja, podendo ser controlado, identificado, reproduzido, através dos dois âmbitos – diferentes e relacionados – que são as disciplinas do corpo e as regulações das populações, que Foucault irá analisar através das várias teias que formam o saber/poder.

Csordas observa que o terceiro tipo de literatura toma o corpo decomposto para reconhecimento. O “corpo múltiplo”, onde a análise extrairia vários corpos de um único: o corpo-físico, corpo-social, corpo-individual, corpo-político, corpo-psicológico, etc. Um exemplo desse tipo de observação pode ser a discussão feita por Mary Douglas (1976) que decompõe o corpo em seus aspectos físicos e sociais, o “corpo duplo”, diferenciando-os através do uso que fazemos dele e das suas funções corporais. A análise antropológica de Douglas visa observar como o corpo fisiológico alcança o domínio simbólico, e como a ordem social procura se manter a partir da analogia corpo/estrutura. Para ela o corpo físico torna-se limitado pelo corpo social, a partir dos seus sistemas classificatórios que legitimam hierarquias, diferenças e exclusões sociais.

Independente das classificações dadas por esse autor, o que podemos observar é que nesses três tipos de literatura o corpo aparece objetivado, colocado como uma coisa empírica; discutir o corpo, nessas perspectivas, continua o autor, seria fazer uma representação social do corpo, por não atentar para o corpo como uma subjetividade que está imersa nas atividades culturais. A cultura, através da assimilação consciente, exerceria influência sobre o corpo, que assumiria vários

papéis e formas a partir dela. A dicotomia mente/corpo fica evidente nesse tipo de análise, onde o corpo está submetido a códigos e símbolos sociais, e aparece apenas como representação de tais códigos já que está totalmente destituído de intencionalidade. O corpo dado como pré-cultural, material biológico excluído de sua participação no domínio da cultura, não permite uma análise onde o corpo aparece como o solo da subjetividade.

Csordas nos propõe então, outra possibilidade de estudar o corpo, em que este é colocado no centro da análise, observando não a representação cultural que aparece no corpo, mas a experiência encarnada num mundo que é cultural.

Para isso é necessário posicionar o mundo não como um objeto de conhecimento e sim como uma esfera de ação e prática do sujeito. As identidades e a apreensão do mundo são, na vida cotidiana, construídas na imersão prática no mundo e não na reflexão e representação, do mesmo modo que os corpos não são refletidos cotidianamente. Sendo inacessível a si próprio pelo olhar, torna-se preciso o olhar do outro, ou seja, um mundo de significados compartilhados que complete o horizonte individual.

Uma abordagem que coloca o corpo enquanto o próprio sujeito, um corpo/consciência constituído de subjetividade e intencionalidade – “meu corpo sou eu” – se diferencia da análise representacionista por criticar a posição de que o homem primeiro interioriza o mundo e só depois age sobre ele, chamando a atenção ao fato de que a percepção se dá no indivíduo, na imersão no mundo, e não na mente, porque a mente não está separada do corpo (MERLEAU-PONTY, 1996). A experiência subjetiva se dá no corpo-mente, que é a sua base – o ouvir, o ver, o tocar, o provar faz o corpo experienciar no momento exato em que ouve, vê, toca e prova. Isso porque a experiência não ocorre apenas de forma reflexiva, racional, objetiva.

Há outro tipo de experiência que se dá no momento mesmo da ação, que é a experiência pré-objetiva, onde o mundo não está objetivado, representado. A esfera prática é de imersão na situação, regida por esquemas encarnados de base sociocultural, não destacando um sujeito que formula intelectualmente uma ação para depois realizá-la. É nessa discussão pautada no corpo como local da

compreensão que Merleau-Ponty irá colocar a questão da percepção, como também radicada no corpo, estando, portanto anterior a uma cognição. O corpo aparece, nessa cumplicidade ontológica entre ser e mundo, em uma dimensão de sentido.

Nunca o meu corpo aparece como inteiramente constituído, um objeto que utilizo para pegar algo ou conduzir a mim próprio a outro lugar; são “relações mágicas” as que ocorrem entre a minha decisão e o meu corpo (Merleau-Ponty: 138), e procedem do meu esquema corporal habitual. Este não é nem um resumo carregado de significado de minha experiência corporal, nem uma tomada de consciência global da minha postura no mundo, e muito menos a integração ativa das partes do meu corpo, pois todas essas explicações necessitariam de um momento de reflexão perante as atividades realizadas. O esquema corporal seria uma forma de expressar a existência do corpo no mundo, que antecede a uma relação reflexiva de constituição de objetos, não estando no plano da representação.

A percepção, que conduz essas reflexões do autor, não é um eu penso, mas um eu posso, pois a relação entre percepção e ação tem uma dimensão prática¹⁶, ela decorre das possibilidades de meu corpo com o que o objeto me oferece. A perspectiva corporal que me dá um corpo sensível e sentiente¹⁷ decorrem das experiências espaciais originárias e constrói em mim um esquema corporal que dá a minha posição de existência no mundo, já que se estabelece nessa unidade entre corpo e mundo.

O esquema corporal chama a atenção que o meu corpo se situa no virtual, ou seja, o mundo conta para mim a partir dos meus projetos, que são anteriores à qualquer tomada de posição; chama a atenção ao fato que o corpo é uma totalidade integrada de sentido e com o mundo. O corpo desempenha um papel na percepção do mundo porque ele próprio é uma intencionalidade original; os movimentos corporais são maneiras de se relacionar, com os objetos e com o mundo, distintas do conhecimento, e para isso é preciso que o mundo esteja se dando como um campo aberto aos nossos projetos. A consciência é sempre uma consciência encarnada porque engajada e resultante dessa abertura para um mundo possível ou virtual,

¹⁶ Essa dimensão também vai ser tratada por Heidegger em *Ser e Tempo*, no entanto este não elabora a relação entre instrumento/corpo.

¹⁷ Merleau-Ponty utiliza o termo sentiente para assegurar a relação de sentido do corpo com ele próprio enquanto sujeito-objeto, copo que toca e simultaneamente é tocado, que se percebe ao ser por si mesmo tocado.

enquanto o corpo é sempre imbuído de consciência, logo de sentido, que é constituído na experiência corporal.

“A experiência motora de nosso corpo não é um caso particular de conhecimento; ela nos fornece uma maneira de ter acesso ao mundo e ao objeto, uma praktognosia que deve ser reconhecida como originária. Meu corpo tem seu mundo ou compreende seu mundo sem precisar passar por representações, sem subordinar-se a uma função simbólica ou objetivante” (MERLEAU-PONTY, 1996, p.195).

A experiência motora é uma maneira de contar com o mundo prático, é desse modo que Merleau-Ponty vai se referir a uma intencionalidade motora¹⁸ como um modo de ser-no-mundo e de contar com o mundo como possibilidade. O corpo aparece em situação, como postura que permite, ou melhor, que possibilita a realização de uma tarefa atual ou possível, de modo que o esquema corporal, também resultado de uma situação espacial, é “a maneira de exprimir que meu corpo está no mundo” (1996, 147).

O corpo ao registrar as experiências vividas constitui, de modo pré-reflexivo, o esquema corporal, expressão do ser no mundo, e que é dada através da postura e forma de apresentação do sujeito. Esse esquema, que é uma consciência não refletida do ator das partes do seu corpo, e que sugere uma reciprocidade entre corpo e situação, jamais é fixo, pois comporta modos habituais de ser que podem e são constantemente atualizados em vivência, além de serem culturalmente motivados.

Tais orientações culturais investem sobre cada parte do corpo de formas diferenciada de modo que o esquema corporal é valorizado de modo distinto, embora tais valores não sejam depositados no corpo de uma forma exterior, pelo contrário, eles participam do próprio senso de unidade corporal que sustenta o sujeito. Não é apenas a inscrição da cultura no corpo e nem apenas construções de autoimagens, mas a forma própria que o ser é no mundo, resultado de relações construídas intersubjetivamente (WEISS 1999 apud DUCCINI, 2005).

¹⁸“Dizendo que essa intencionalidade não é um pensamento, queremos dizer que ela não se efetua na transparência de uma consciência e que ela toma por adquirido todo o saber latente que meu corpo tem de si mesmo” (MERLEAU-PONTY, 1996, p.312).

O mundo se acha sempre ligado ao meu corpo através das ações realizadas ou possíveis de sê-las, de modo que traz como ponto central à questão da intencionalidade. É com e no corpo que os indivíduos experienciam as “várias dimensões da vida” através de uma síntese, que por sua vez também é corporal, já que se trata de um conhecimento e intervenção radicados no corpo. (RABELO et al., 1999).

A análise de Merleau-Ponty a respeito do corpo, e dos processos encarnados de percepção, deixa em aberto uma discussão mais próxima à questão cultural, ainda que ao falar do indivíduo como ser no mundo e no mundo como horizonte fenomenológico, remeta a uma noção de intersubjetividade.

Trazendo a discussão de Merleau-Ponty a respeito da percepção, para o âmbito da sociologia/antropologia, Csordas (1993,1994) propõe analisar a experiência encarnada, *embodiment*, como ponto de partida para a participação humana no mundo cultural, por ver o corpo como “condição existencial onde cultura e *self* se encontram” (1993:136).

Colocando a noção de percepção e atenção como algo que se inicia no corpo, o autor relaciona o conceito de *habitus* de Bourdieu, “uma orquestração sem maestro”, “princípio gerador e estruturador das práticas e das representações” (1983, p.61 e p. 67), à noção de pré-objetividade de Merleau-Ponty, visando retomar o conceito de *embodiment*, em que a atenção é fundamentalmente corpórea e cultural.

Habitus, nos diz Bourdieu, são atividades produtoras que não são submetidas a regras e que não supõe intenções conscientes dos fins e meios. Sendo pré-reflexivas, são determinadas pela antecipação implícita de suas conseqüências, de modo que “tendem a produzir as estruturas objetivas das quais elas são [...] o produto” (BOURDIEU, 1983, p. 61). Ao “autorizar” uma espécie de conhecimento prático que dispensa, na vida cotidiana, a análise minuciosa da intenção e da conduta do outro, o *habitus* se revela englobado pelo conceito de pré-reflexividade, enquanto a esfera de ação ou de prática em que o mundo inicialmente se apresenta.

Porém, o *habitus* além de unidade e situabilidade também conferiria regularidade, às práticas de um grupo, devido a sua harmonização objetiva que é imposta através da educação primeira – do mesmo modo que as técnicas corporais de Mauss. Logo

para compartilhar o *habitus* é preciso que os agentes compartilhem o mesmo sistema de ação e de interpretação, possibilitando afirmar que o *habitus* além de servir como um facilitador nas interações sociais, marca a posição do sujeito enquanto ser pertencente a um determinado grupo, instituição ou tradição.

Seguindo essa linha que Boltanski (1989) introduz o conceito de cultura somática enquanto direcionadora de *habitus* corporais de um grupo, que definiria as regras de comportamento corporal para as “atividades físicas mais cotidianas”, para “as interações físicas com outrem”.

“Cultura somática” é a sistematização de regras, que tem caráter geral e determina os comportamentos físicos dos agentes sociais, podendo ser aplicadas em várias situações na vida cotidiana comum apenas aos membros de um determinado grupo social, ou classe, “são o produto das condições objetivas que elas traduzem na ordem cultural...” (BOLTANSKI, 1989:146-167).

Assim essa “cultura” variaria a depender da classe de agentes com posições e condições semelhantes, e conduziria o interesse do indivíduo em relação com seu próprio corpo, sua aparência (agradável ou desagradável) e suas sensações físicas (prazer ou desprazer).

Apesar de chamar a atenção à aquisição cultural e prática na formação dos *habitus*, ponto bastante importante já anunciado por Bourdieu, esse autor acentua a distinção entre classes decorrente da relação existente entre corpos e a reflexão destes, pelos seus membros. Existiria, deste modo, uma relação inversa entre utilização do corpo e reflexão, de modo que quanto maior a utilização do corpo para o trabalho, menor a relação reflexiva que o indivíduo teria com ele; assim, quanto maior o trabalho intelectual, mais existiria uma forte relação de valorização da beleza e da forma física.

Ao colocar essa contraposição entre corpo e reflexão, perde-se a noção de corporificação ou embodiment, enquanto engajamento no mundo. A dimensão vivida da cultura nos põe, com seus símbolos e tradições, uma diferenciação entre os vários modos de ser a depender não só dos grupos sociais, mas também da idade e gênero, assim como de etnia ou de lugar; porém o que se deve atentar é

que o que ocorre nessa dimensão é uma prioridade da prática sobre a reflexão, pois a inserção no mundo, que é cultural, é feita no e pelo corpo¹⁹.

O corpo não é apenas um instrumento, ele pode ser utilizado como tal, porém ele é mais que isso, é minha condição de possibilidade no mundo – o qual compartilho com outros.

Csordas observa que há uma cultura compartilhada em que o corpo compreende, não apenas pelo olhar, mas por todos os sentidos, porque todos os processos de atenção estão fundados no corpo. Os modos somáticos de atenção são dessa forma modos de atentar para e com o corpo em situação num mundo compartilhado com outros. Observa que este modo de atenção não ocorre em todos os momentos, ele não corresponde às técnicas corporais de Mauss, ele vai além delas por representar um momento em que todo o corpo atenta para determinada atividade. Estar atento é, dessa forma, mais do que uma função cognitiva é um engajamento corporal.

Essa atenção para e com o corpo, observa ainda Csordas, não está reduzida apenas a uma subjetividade, a uma atenção para e com o próprio corpo, pois que incluem atenção para posição e movimento dos corpos dos outros e também de certo modo para a atenção dos outros sobre nossos próprios corpos. Desse modo, a atenção de que fala esse autor alcança o âmbito da intersubjetividade, o corpo está sempre no mundo, um mundo que é cultural e que fornece práticas culturais.

O contorno e modos do corpo são feitos a partir da imersão no mundo, sendo resultado das relações práticas diárias ligadas à alimentação, atividades físicas e de trabalho, lazer entre outras. Partindo do fato de que o corpo é o fundamento da cultura, as experiências no corpo, estão associadas a construções culturais herdadas e utilizadas nas interações, do mesmo modo que o desacordo com o corpo está ligado a alguma aceitação, também cultural. Ter um corpo gordo ou magro envolve certo tipo de relação com o mundo, e a tentativa de se enquadrar a um padrão magro/manequim ou ao padrão rechonchudo/gostosa passa pela

¹⁹ A noção de esquema corporal, tal como utilizada por Merleau-Ponty e Weiss, apresenta justamente a vantagem de enfatizar a sua perpétua incompletude: ao mesmo tempo em que tende a se cristalizar, este esquema mantém-se fluido devido a sua própria base nas experiências encarnadas que nunca cessam.

necessidade de uma melhor aceitação – relação estigma/autoestima – nesse mundo compartilhado.

A noção de modos somáticos de atenção observa uma reaprendizagem do estar no mundo que se dá fundamentalmente no corpo. As mudanças que ocorrem na vida dos sujeitos, principalmente se estão ligadas às aquisições de hábitos corporais, ou que impliquem no corpo, irão decorrer de atenções fundadas no corpo, como *locus* de entendimento e prática do ser no mundo.

Contextualizando

- ***O Corpo pré-moderno***

Se as práticas corporais decorrem da imersão no mundo e se atualmente vivemos num mundo onde é indiscutível o peso das questões corporais, torna-se preciso analisar o que modificou na história social para que a corporeidade tenha tomado este lugar. Mesmo aceitando o consenso de que essa questão se intensifica na modernidade, devido à varias mudanças ocorridas nesse período, vejo a necessidade de recuar um pouco mais na história para que tais características atuais de culto ao corpo melhor se apresentem, para que as correlações e as diferenças nas formas de vida melhor evidenciem os possíveis caminhos para as noções corporais atuais. Evidente que a intenção desse recuo não é dar conta total da história desses períodos, e sim pincelar modos de vida que nos permita uma análise dos caminhos que levaram aos modelos de corpo atuais.

Começarei o meu recuo pelo período medieval europeu devido as suas noções sociais serem bem diferentes das atuais, servindo assim como um contraponto.

Visto durante muitos anos como época das trevas, a Idade Média tinha na religião católica a base da suas relações cotidianas e por isso as questões sobre a alma foram colocadas como mais relevantes, em detrimento do corpo - mas é certo que

os fieis eram corpóreos, apesar da acentuação dessa dicotomia, que como já foi observada é inexistente na vida cotidiana.

Michael Bakhtin (1987 apud BERGER, 2006) nos dá informações importantes sobre o universo e a forma de vida dos medievais, logo sobre a sua corporeidade. Um dos aspectos relevantes analisados por esse autor são as festas²⁰. Ao contrário de vilas religiosas propícias a caça às bruxas, ele nos oferece, através das descrições dos banquetes de Rabelais, um cenário de festas populares, caracterizadas por uma grande ingestão de comida e bebida, onde eram exacerbadas as pulsões sexuais e ritualizados, pela comédia, os conflitos diários. Sem dúvida o corpo estava lá presente. O banquete era uma forma de encontro com o mundo; a alimentação, assim como a reprodução em todas as suas etapas, eram manifestações importantes socialmente.

Esse autor chama a atenção ao fato de que a vida na idade média era vista de uma forma integral, sendo assim o corpo que dessa visão emerge é um corpo social, mas também cósmico e universal. O corpo ao mesmo tempo em que continha tudo, o sagrado e o profano, era um corpo que não tinha limites alimentares ou de formas físicas. É um corpo que não está isolado do mundo, não é perfeito, mas por estar aberto ao mundo exterior permite que o mundo penetre ou saia dele e o alimento é a forma onde esse interagir se dá de modo mais completo (FONTANELLA, 2004). Podemos afirmar que o mundo era incorporado e misturava-se ao corpo nas práticas cotidianas, extinguindo a fronteira entre os dois.

Assim, Bakhtin constrói a noção de corpo grotesco, permeado por essas vivências, onde a imagem de renovação aparece com um caráter positivo diante da mutabilidade do mundo, tudo que é transitório ganha importância e é expressão do drama cotidiano.

O corpo grotesco ou popular, segundo esse autor é caracterizado por uma oposição aos padrões de corpos perfeitos e bem acabados. O mundo é mutável e também o corpo popular, ele caminha do nascimento em direção à morte, de modo que o corpo

²⁰ Outro aspecto da cultura medieval apontado por Bakhtin a partir dos textos de Rabelais, e que nos serve para observar o corpo nesse período, se refere aos banhos. Estes, que não tinham como função principal a higiene e sim prazer, eram realizados coletivamente e não havia separação entre os sexos.

não precisa ser mantido jovem e belo. Bakhtin chama a atenção que algumas partes do corpo têm papel essencial por serem locais de troca com o mundo e que por isso ganham evidência tais como “o ventre, o falo, a boca e o traseiro” (FONTANELLA, 2005, p.51).

Desse modo a obesidade é representativa do corpo grotesco e dessa interação com o mundo proporcionada pelo comer e pelo beber, “o homem degusta o mundo, sente o gosto do mundo, o introduz em seu corpo, faz dele parte de si” (FONTANELLA, 2005, p. 8).

O que tais autores chamam a atenção é que nesse momento o corpo não aparece apenas como ser biológico, mas não aparece ainda como o indivíduo burguês; o importante na corporalidade medieval são “a fertilidade, o crescimento e a superabundância. As manifestações da vida corporal não são atribuídas a um ser biológico isolado ou a um indivíduo “econômico” particular e egoísta, mas a uma espécie de corpo popular, coletivo e genérico.” (FONTANELLA, 2005, p. 52).

Ao final da idade média, o aparecimento de novos padrões socioculturais e de novas práticas cotidianas propicia outra forma de vivenciar o corpo, a nudez, o sexo, o comer, as excreções.

Assim o corpo passa a ter outro tratamento com a valorização do pensamento científico no renascimento. O corpo perde a sua unidade com a natureza e com a divisão mente-corpo proposta pelo cartesianismo torna-se culpado, de onde surgirá um cuidado e controle sobre a vida e as atividades cotidianas, principalmente sobre os gestos e a alimentação, que alcançará sua plenitude no século XXI. Os valores medievais precisam ser afastados, assim, o individual separa-se do social de forma que algumas atividades que antes eram realizadas coletivamente passam a ser vistas com pudor, ao mesmo tempo são criadas regras de disciplinas para as suas realizações. Berger (2006) observa que o corpo não deve ser exposto, e mesmo quando no século XVIII a ginástica entra em voga, a intenção ainda não é uma exposição e sim o controle e a domesticação.

Ainda segundo essa autora, as normas e etiquetas cotidianas aparecem como diferenciadoras de grupos sociais e financeiros, assim como as atividades físicas, já que funcionariam como uma distinção entre os tradicionais (velhos) e os modernos

(jovens, fortes e saudáveis). Atividade física significa progresso que por sua vez se confunde com juventude. Assim surge o tripé que irá marcar a sociedade contemporânea.

- ***O corpo na Modernidade***

Na contemporaneidade a moda e o estilo de vida moderno trazem a todo o momento uma reflexão sobre as formas e o tamanho dos corpos como um modelo de adequação ao social. Não só nas revistas, na TV, nas passarelas e nos shoppings da moda, também nas conversas nos salões de beleza, academias, bares e praias, o corpo aparece como lugar de destaque demonstrando um estilo ou modo de ser imperativo para se alcançar um status de moderno e bem sucedido socialmente. Hoje tais discussões sobre o corpo alcançam as salas de aulas das crianças e adolescentes, os almoços em família e também os RH das empresas, muitas vezes direcionados pelos vieses saúde e alimentação, mas sem deixar de fora a questão beleza e sucesso na vida cotidiana.

Para alguns autores da modernidade essa procura por um corpo belo, novo e dinâmico acompanha a busca por respostas decorrentes da crise do mundo moderno que se evidencia pela quebra dos valores e crenças tradicionais tornados antigos. O chamado “mal-estar da modernidade” traz medos e incertezas frente a um mundo que passa a ser caracterizado pelo imediatismo, consumismo, hedonismo e também pelo narcisismo (ver BAUMAN, 1999; GIDDENS, 2003; TOURRAINE, 1994; etc.).

Os interesses político-econômicos que conduziram a modernização capitalista, dizem esses autores, assim como a adesão aos ideais ocidentais de mercado, progresso, livre escolha e individualismo, passam a legitimar novos valores baseados na flexibilidade. Como tudo se torna transitório perde-se as referências; as escolhas e necessidades tornam-se individuais, os acontecimentos ambivalentes geram as incertezas. Tudo é descartável. E nesse mundo provisório e fugaz, além dos valores, as pessoas e as informações também se tornam efêmeras.

O estilo de vida ocidental largamente adotado, calcado nesses ideais, e que substituiu a ética pela estética, passa a ser guiado pela lógica da acumulação de bens e aparências. A cada momento novos padrões são concebidos e novos desejos de possuir ou, por que não, desejos de ser são criados. Via mídia, a sociedade impõe seu novo padrão de beleza, as revistas de moda, as propagandas de cosméticos ou de qualquer outro produto, e posteriormente as novelas, criam desejos que precisam ser saciados e que substituem outros que antes de tornarem-se velhos já estão obsoletos. Tais novas necessidades, que se iniciam como adornos e máscaras para o corpo, passam a atuar sobre o próprio corpo e identidade que também se tornam antigos, precisando ser renovados.

Essa relação existente entre a cultura de consumo e corpo é analisada por autores como Featherstone, Tuner e Bourdieu que tentam compreender a constituição e o desenvolvimento dos novos valores corporais direcionados para o consumo e para a distinção social. Tais análises nos oferecem um contexto em que os indivíduos são incentivados a manter formas corporais que jamais são atingidas completamente, já que cotidianamente são a elas incorporadas novidades, gerando sempre novas demandas de consumo e de mercado. Quem a tal sistema se recusa é submetido a estigmas²¹.

Apesar da aquiescência de que as modificações corporais sempre ocorreram²², decorrente da tensão natureza cultura, elas nunca foram um recurso tão utilizado. O corpo torna-se emblema desse mundo em que o que se mostra é mais importante do que o que se é, ou melhor, onde o que se é tem importância pelo que se mostra. Imagem é tudo. É preciso, pois manter-se jovem para ser belo. O corpo, cartão de visita do que se é, tem que ser perfeito; e num mundo transitório o corpo perfeito é o corpo jovem. Torna-se necessário a manipulação do corpo para aprimorá-lo.

De acordo com Le Breton, nas sociedades contemporâneas o corpo torna-se um rascunho, sobre o qual é preciso imprimir as características requisitadas para que ele se atualize (MALYSSE, 2000; MIRANDA E MOREIRA, 2006). O fisiculturismo, as cirurgias plásticas estéticas, assim como as tatuagens e os piercings demonstram essa ideia de desejo de modificação indiscriminada do corpo. O desprezo pelo corpo

²¹ Tal diferenciação corporal, que não se refere apenas ao tamanho e forma dos corpos, mas também as suas posturas, alcança outros âmbitos como as roupas, as formas de falar, a habitação e a sua decoração. Cada vez que essas formas e maneiras de uso são alcançadas pela maioria da população elas ganham maior elaboração visando diferenciação social.

²² Sobre isso ver Del Priori (2000).

seria decorrente do endeusamento pelas ciências técnicas que ao permitir a liberdade de modificação e aprimoramento deste, terminaria por gerar tal repulsa ao “corpo natural”. Le Breton remete, assim, à imagem do homem contemporâneo como um cyborg devido às interferências realizadas, tais como as próteses estéticas ou corretivas, a engenharia genética e também as interações no ciberespaço em que o corpo fica totalmente descartado²³ (MALYSSE, 2000).

É preciso deixar o corpo moldado, malhado, alongado, liso e jovem. Para isso se especializaram as academias, as dietas e, sobretudo, as tecnociências emblematizadas pela medicina.

Sobre esse aspecto Bauman, através do conceito de modernidade líquida observa a perda da solidez dos padrões no mundo atual, que ao tornarem-se liquefeitos deixam de ter uma forma própria devendo se adequar a um dos vários modelos de estilos de vida que são oferecidos para serem adquiridos (BAUMAN, 1999; MIRANDA E MOREIRA, 2006).

A busca pelo prazer imediato, segundo este autor, aparece nas sociedades ocidentais atuais como um projeto individual, mas que é vendido e aprovado pela sociedade. O consumo torna-se a abertura e a possibilidade para uma incessante renovação, o que sustenta a fugacidade, já que se pode comprar não só novas roupas e adereços como também *acessórios corporais*, tais como seios grandes e rijos e/ou cabelos longos e loiros, e ainda um novo estilo, atitude ou modo de ser que vem acoplado a alguns objetos de consumo, para permitir a melhor adesão dos atributos valorizados.

Há um corpo ideal almejado, e para isso é preciso incorporar as normas da estética corporal. Sobre essa busca Malysse (1998), analisando os corpos no Rio de Janeiro, observa a hipermalhação ou fisiculturismo como a entrada para essa mudança de vida social, através da mudança da imagem do seu “eu”. Ele observa que “nessas práticas de modificação da aparência, o corpo é vivido como um parceiro e não se apresenta mais como dado, dando início a processos psicológicos e sociais, mas como produto desses processos”.

²³ A ideia de cyborg nos conduz aos body mods que, na contramão da estética corporal moderna, propõem uma nova noção de corpo, o corpo único, através de interferências que vão além das tatuagens, tais como os implantes subcutâneos em 3D e a bifurcação de língua.

O corpo colocado à venda e que é aprovado pela sociedade é um corpo sempre novo, jovem, e para isso precisa estar a todo o momento se renovando, de acordo com uma sociedade baseada na flexibilidade. Essa tendência à renovação por si mesmas muitas vezes é escondida atrás do discurso da saúde: malhar e emagrecer para ser saudável.

As propagandas ao trazerem um contexto social, trazem também uma gama de identidades que ficam a mão dos consumidores²⁴. Compre o telefone *Claro* e “tenha a vida em suas mãos” ou utilize o *TIM* e “viva sem fronteiras”; use os perfumes da *Boticário* e “você pode ser o que quiser”, escolha entre fumar *Hollywood* e ter “o sucesso”, ou fumar *Free* por “uma questão de bom senso”; ou ainda compre um *BMW* apenas “pelo simples prazer de dirigir”.

Assim, ao se adquirir a mercadoria leva-se junto símbolos de identidade, que dão determinado status e que ao se enquadrar em um papel socialmente aceito acabariam com a ansiedade²⁵.

A mídia aparece, na contemporaneidade, como importante instância social de formação de padrões de comportamento e de beleza que são tidos como ideais. Assim, as propagandas executam um papel importante, na imposição de padrões, veiculando matérias sobre estética corporal, por ser um veículo de formação de desejos, inclusive modificando a importância e a necessidade do que deve ser “consumido” (SANT’ANNA, 1995; RODRIGUES, 2006). O corpo magro e torneado, decorrente da disciplina corporal, é colocado como um elemento importantíssimo de promoção individual, relacionando-o com a conquista do sucesso e do prazer.

O aspecto estético, padrão corporal assimilado socialmente, aparece como um estímulo ao emagrecimento feminino ainda que de um modo imposto, e muitas vezes não alcançado. Estando em constante evidência na mídia os corpos femininos tornam-se o desejo de ter dos homens, e o de ser das mulheres (MALYSSE, 1998).

²⁴ Talvez as primeiras divulgações que atrelavam um produto a um modo de vida e de status de um modo maciço tenha sido as das marcas de cigarro, agora proibidas pelo Ministério da Saúde.

²⁵ A Coca-Cola líder da ideia “imagem é tudo” já tem acoplado a si um modo de ser tão divulgado e aceito, a ponto de poder convidar os consumidores a “viver o lado coca-cola da vida”. Também a mesma indústria se permite brincar com essa característica da modernidade, afirmando no slogan de outro refrigerante da mesma marca, que “imagem não é nada, sede é tudo” ao mesmo tempo em que pede ao consumidor para obedecer a sua sede.

Os meios de comunicação de massa (jornais, redes de televisão e emissoras de rádio) têm o poder de criar necessidade de uso de novos produtos e técnicas, tendo um papel importante na criação e recriação dos hábitos sociais. Como a imagem passa a ter grande importância o corpo torna-se representativo do que se é. Logo, se torna necessário adequar-se ao modelo de corpo ideal.

A ideia de um corpo ideal, segundo Lasch (MIRANDA E MOREIRA, 2006) aparece acoplada à personalidade narcisista que é própria da exacerbação do individualismo, uma das características da cultura contemporânea. A busca pelo sempre novo, pela renovação, a fugacidade do cotidiano gera um grande medo do envelhecimento e da morte, que se intensifica, segundo esse autor, porque o narcisista teme a dependência: é preciso ter êxito em todos os âmbitos da vida para que seja sempre motivo de admiração.

A medicina torna-se um aporte científico a essas novas necessidades decorrentes do temor ao envelhecimento ao oferecer soluções contra os sinais de velhice, as doenças ou imperfeições que possam diminuir o poder de atração e interação social. Também, a essa procura de um corpo jovem, se junta o incentivo da mídia ao construir como estereótipo feminino um corpo jovem, magro baseado nos corpos das modelos, ou por eles sendo reafirmados.

O desejo de ajuste a esse modelo muitas vezes só é possível através de estratégias de emagrecimentos, tais como dietas, remédios, spas²⁶, shakes ou com a ajuda da medicina, através das intervenções e cirurgias. Embora sabendo que as técnicas ou regimes corporais possam ser diferenciados culturalmente, por serem mediados por uma ordem social, cada vez mais ocorre uma padronização geral em relação a tipos de beleza.

Atualmente, no Rio de Janeiro, um cirurgião tornou-se famoso por conduzir as intervenções visando um rejuvenescimento ou alteração sutil. Embora os clientes, na maioria mulheres, não queiram ser identificados e entrem pelas portas do fundo da clínica, o cirurgião plástico Carlos Fernando de Almeida vem ganhando notoriedade entre os artistas e importantes da cidade e de fora do Brasil, como EUA e França. A fama do doutor, que se autocalifica como possuidor de um “bom senso estético”, aparece exatamente por não deixar claro que houve uma intervenção; todos sabem

²⁶ Embora esses espaços agora sejam usados como complexos turísticos, se popularizaram no Brasil como centros de saúde e bem estar.

quem ele é, mas ninguém assume ter sido seu paciente (VEJA, 31/10/2007). Dessa forma, o que “se mostra” pode ser ainda mais aproximado ao que “se é”, uma vez que oculta a ocorrência de qualquer modificação deliberada.

Para uma adequação a esse corpo ideal, cada vez mais global, existe sempre algo novo para ser consumido, o que permite um abrandamento no sentimento de insegurança e ambivalência, já que os objetos de consumo trazem consigo além de resolução para os problemas, novas possibilidades de ser (BAUMAN, 1999).

O corpo como cartão de visita precisa corresponder aos anseios de renovação, logo deve parecer sempre jovem, ágil e saudável, capitais para a sua mobilidade e desfrute de prazer (TURNER, 1989). A satisfação estética aparece direcionada a aumentar as oportunidades relacionadas a todas as áreas da vida, desde os relacionamentos amorosos até as atividades profissionais pois aumenta o seu “valor de troca”. O corpo gordo, flácido e velho, torna-se irracional. É preciso evitar os estigmas e as marcas do tempo através das ginásticas, dietas, cirurgias, implantes, etc²⁷, sempre apoiado no discurso da especialização e na adequação a um novo estilo de vida, ou na medicalização da vida cotidiana.

Ribeiro (2006) observa a função da biomedicina nesse processo de disciplinamento, como legitimadora, principalmente no que se refere às diferenças de gênero através do emprego de posturas específicas que são esperadas socialmente. Assim a moral médica determinava o que a mulher deveria ser, assim o corpo arredondado, volumoso era um corpo natural e próprio para um corpo reprodutivo. Hoje, continua a autora, o corpo feminino ainda é legitimado pela medicina, no entanto a moral agora é outra: a mulher deve se sentir bem. A satisfação e o prazer que conduzem a uma boa autoestima tornam-se a razão que justifica qualquer modificação no corpo. Só é feio quem não se ama, por outro lado a mulher moderna cultiva a boa aparência e o bem estar corporal, e as cirurgias seriam uma prevenção à frustração, baixa autoestima e aos problemas psíquicos.

O corpo fora do padrão, associado à velhice e preguiça, toma um lugar desprestigiado socialmente, o que demonstra bem o aspecto cultural e histórico da mudança de padrões já que no início do século passado esse era o tipo físico tido

²⁷ Pode-se também criar marcas corporais, como os piercings e tatuagens, visando finalizar com os sentimentos de ansiedade e de não adequação, já que também esses símbolos geram uma reformulação que também traz uma recriação do eu, mas nesse caso se adaptando a outro padrão.

como desejável e que indicava abundância e poder. Ao impor padrões, a mídia modifica a necessidade, importância e modo do que deve ser consumido divulgando a ideia de que a possibilidade de modificação dos padrões está nas mãos dos indivíduos.

O padrão de corpo perfeito fornecido pela mídia aparece como um estímulo ao emagrecimento feminino ainda que de um modo imposto, e dificilmente alcançado, mas que é almejado. Para alcançar esse êxito, dizem as cartilhas, é necessário um disciplinamento dos corpos, que deve ser feito de maneira individual.

No entanto, é preciso lembrar que tais padrões, desejos e valores não habitam uma “esfera imaginativa” distante e abstrata que apenas atinge os sujeitos em seus momentos de reflexão. Ao contrário, eles passam a constituir limites e solicitações que atingem a própria experiência encarnada, pois assumem significados sempre presentes nas interações sociais cotidianas. Dessa forma, os padrões físicos não afetam somente os modos de avaliar e pensar sobre si mesmo e os outros. Mais do que isso, eles ingressam na base da experiência pessoal ao se tornarem elementos de uma prescrição pré-objetiva do modo de ser no mundo contemporâneo. Tal como mencionei na primeira parte deste capítulo, valores sociais compartilhados (por sua existência intersubjetiva) têm o potencial para se imiscuir no esquema corporal dos sujeitos, configurando suas possíveis experiências.

OS MODOS DE CORPO E O CORPO NA MODA

Corpo feminino e moda

As formas que o corpo deve assumir nunca foram tão afirmadas como um produto da vontade individual como atualmente. A imposição de se ter um corpo magro como decorrente de um voluntarismo, se mostra cada vez mais exigido pela mídia, e cada vez mais perseguido, mesmo que seja preciso recorrer a remédios, cirurgias ou até, como cada vez mais vem ocorrendo pela Internet, a ensinamentos de como ser bulímico e anoréxico.

O corpo magro que demonstra força, beleza e garra está à mão dos que são decididos, afirmam as propagandas que o coloca como impositivo da vida moderna e, deste mesmo modo, as relações corporais vão sendo cada vez mais assumidas e assimiladas. As formas do corpo indicam, diz a mídia, quem é você, seu caráter, sua identidade.

Justificado por esse discurso voluntarista no final do século passado foi veiculada, em revistas semanais, uma propaganda de remédio para emagrecer cujo slogan “O mundo nunca vai ser assim, emagreça com Sanavita”. Ocupando duas páginas sequenciais a propaganda trazia sob um bolo de casamento bonecos obesos ou silhuetas gordas em placas de trânsito sempre acompanhada da embalagem do remédio e da advertência/slogan de que o mundo nunca será daquela forma. A mais veiculada e talvez mais emblemática exibia a boneca Barbie gorda e de vestido curto. A utilização da imagem da boneca mundialmente conhecida e que assume várias profissões e identidades, ao mesmo tempo em que lhe imputa uma proibição

corporal demonstra a visão difundida na sociedade ocidental em relação a uma população de pessoas “acima do peso” que a cada ano vem se expandindo. A advertência, por sua vez, coloca sobre os indivíduos a responsabilidade pela forma e tamanho do seu próprio corpo, como se este decorresse apenas da sua própria vontade.

Na cultura contemporânea o corpo está cada vez mais situado em uma posição de destaque na vida cotidiana, devido à crescente preocupação com a apresentação e a imagem. O corpo precisa ser belo. Mas se o belo, antes podia variar, devido ao papel que se tinha na sociedade, e também em relação à idade ou ao lugar onde de se morava, ou ainda ser associado a um conjunto de qualidades – hoje se diz que existe uma uniformização desse conceito em relação ao corpo. A aparência está associada à integração social, precisa-se ser belo para obter um bom casamento, um bom trabalho, uma boa autoestima. Precisa-se ser belo para ser moderno.



Ilustração 1 - Anúncio Sanavita

Se inicialmente a beleza do corpo feminino estava associada à fecundidade e opulência, relacionada a uma quantidade de gordura, a partir do início do século passado, no Brasil, a beleza corporal, e também as formas corporais, sofrem transformações decorrentes das modificações do modo de vida adotado,

principalmente, dos Estados Unidos, se homogeneizando num padrão branco, magro/longilíneo, com cabelos longos, loiros e traços afilados, em que a boneca Barbie se encaixa, ou representa, de um modo perfeito (SANT'ANNA, 1995; DEL PRIORI, 2000) mas que não tem nada a ver com a nossa formação histórica. Esse ideal estético parece se diferenciar um pouco do que podemos ver em Salvador, onde o corpo branco, notadamente apontado como referencial do belo, vem encontrando um contraponto no corpo negro desde que seja esguio e bem definido – embora muitas vezes dito como “moreninho”. No entanto os cabelos lisos, assim como o loiro nas décadas anteriores, já se tornaram padrão em todos os tons de pele.

Não se sabe se foi a mídia ou a Barbie, com seus 48 anos, quem lançou a moda dos seios projetados, mas é sem dúvida a boneca, por não ter nádegas fartas, que contradiz o padrão brasileiro.



Ilustração 2 - Barbie sensual e gorda

Ter um corpo conforme o atual padrão de beleza, segundo o manual de etiqueta de Pascolato e Lacombe, é ter no mínimo 1,70m e pesar 15 ou 20 quilos a menos que os centímetros contidos em sua altura (PEREIRA, 2006)²⁸. E principalmente ter ou aparentar pouca idade.

²⁸ Ou seja, uma mulher com altura de 1,78m vai estar bem se pesar entre 58 e 63 kg. Uma mais baixa com 1,60m deverá ter entre 40 e 45 kg. Medidas difíceis de manter quando se vai distanciando dos 20 anos.

Budgeon (2003) analisa o que é viver em um corpo que não corresponde aos padrões estéticos quando se é uma adolescente. Em seu artigo *Identity as an Embodied Event* observa a relação entre identidade e corpo em adolescentes americanas do sexo feminino e as imagens dadas e impostas pelos meios de comunicação, que seriam os responsáveis pelo modelo ideal de corpo feminino (magro e alto). Os corpos, enquanto lugar das práticas, comportamentos e articulações sociais apareceriam como *locus* de disputa entre as novas identidades pessoais e as já incorporadas.

O artigo que levanta a discussão sobre o papel central da imagem e do estilo na experiência corporal de adolescentes americanas, mas que pode ser observado em várias sociedades ocidentais, parte da ideia de que os corpos correspondem a variados estados do self, mas que, no entanto não pode ser alterado para se adequar ao que se sente ou ao que gostaria de ser. A autora exemplifica sua análise com o depoimento de uma adolescente, de 17 anos, que diz que gostaria de ter três corpos para que pudesse mudar de acordo com o que estivesse sentido.

O texto da autora centra-se na questão da imagem ideal feminina, construída pelas revistas e meios de comunicação, em contraponto a identidade e ao corpo real. As identidades seriam formadas nas relações cotidianas em contato com as demandas construídas pelos meios de comunicação, de modo que os corpos seriam o *locus* de disputa entre as novas identidades pessoais e as já incorporadas.

As falas das jovens sugerem que uma alteração no significado da imagem social do corpo normalmente decorre de um engajamento prático que desestabilizam o par mente/corpo, confirmando a ideia de que identidade e corpo são vividos em uma imersão cultural. Conclui, então, que se trata de uma subjetividade incorporada, diz a autora, onde o corpo aparece situado na cultura antes de ser determinado por ela. Assim subjetividade e corpo aparecem como aspectos do self e jamais como objetos - eles fazem parte da identidade²⁹.

Suas entrevistas focalizam as identidades de jovens que vivem em um contexto sociocultural caracterizado por um grande grau de indeterminação, ligado a aspectos

²⁹ Essa autora apesar de tratar dessa subjetividade incorporada não dialoga com a discussão da tradição teórica da fenomenologia sobre o corpo - mesmo quando reproduz claramente Merleau-Ponty: "O corpo é o ser e o ser é o corpo" - e também não dialoga com alguns autores americanos contemporâneos que tratam a mesma problemática, como Thomas Csordas e Hans Joas.

constrangedores em relações de gênero e aumentando a escolha sobre como viver uma vida. Todas essas questões, diz a autora, são centrais para o entendimento das identidades corporais femininas.

As narrativas que são produzidas nas entrevistas levantam questões sobre o que significa o corpo para quem vive nele: o processo pelo qual entendemos sobre o surgimento da própria identidade e corpo e como é que estes podem ser transformados em práticas corporais. As garotas americanas falam de como a mídia influencia suas vidas com frases como “é fácil para olhar revistas e pensar como são as vidas das pessoas felizes, logo então, você olha sua própria vida e pensa que você não é tão feliz, até o momento em que começa a pensar sobre isso”, ou “basicamente eu suspendo a realidade porque não há como ser tão feliz como as pessoas nas revistas, com corpos belos e roupas bonitas e um monte de dinheiro”, ou ainda “há um tipo normal de pressão que você sofre quando jovem, pensando que você deveria ter 3 kg a menos”. Todas essas questões, diz a autora, são centrais para o entendimento das identidades corporais femininas.

A ênfase nesta estética, além de causar os sentimentos de incerteza e depreciação da autoimagem devido a associação aos estilos de vida dela decorrente e da não correspondência ao modelo, pode resultar em hábitos alimentares prejudiciais à saúde como a anorexia e a bulimia que vem sendo adotados como “estilo de vida”.

A anorexia ligada ao mundo da moda vem sendo continuamente exposta, atualmente. O requisito saúde que vem servindo de apoio para a busca ao emagrecimento aparece agora denunciando esse padrão corporal, após a morte de algumas modelos e do crescimento de adolescentes com o problema. Também, as novelas nacionais têm abordado o tema dando uma maior atenção ao problema da moda na saúde.

Devido aos problemas de bulimia e anorexia, principalmente com as meninas menores de 14 anos, que parecem ser mais vulneráveis aos ideais de beleza, as agências de modelo não estão mais falando em peso ideal, mas criaram outros limites para conter a gordura nas manequins: o quadril 88cm. No último desfile realizado em Salvador para um grande Shopping foi exigido que as agências enviassem para a seleção apenas meninas com quadril até essa medida e que

fossem maiores de 16 anos (idade mínima aprovada pelo juizado de menores) – para o padrão físico da brasileira, principalmente no que se refere ao tamanho do quadril, esse critério pode ser visto como uma seleção de magreza.

Na Itália causou polêmica a grife No-Lita que, as vésperas do novo lançamento, lançou uma campanha (outdoor e revistas) com uma modelo anoréxica nua e a palavra “Não”. Segundo o fotógrafo italiano Oliviero Toscani, responsável pela campanha³⁰, a ideia era alertar as jovens para o problema de adequação a tal padrão esquelético, como uma conscientização do papel dos meios de comunicação, embora seja bastante difícil saber exatamente, nesse caso, a fronteira entre publicidade, promoção de marcas e a conscientização sobre os problemas sociais.

Em 2006, a morte de duas jovens modelos por anorexia, uma delas brasileira com apenas 40 kg, levou a criação de uma comissão para investigar a saúde no mundo da moda. Em setembro do mesmo ano, uma modelo foi rejeitada por uma grife, para um dos grandes desfiles em Londres, por estar com um peso muito baixo. No mesmo período, na semana da moda em Roma, outras 15 modelos foram dispensadas por excesso de magreza³¹. A estilista italiana Curiel, autora da dispensa, que reclama da necessidade de ajustes nas peças devido a magreza das modelos, se justificou dizendo acatar as recomendações do ministério da juventude, atitude que lhe rendeu aplausos de muitos pais presentes. Outros estilistas criticaram essa postura, dizendo que curvas não combinam com passarelas e que as mulheres para serem modelos devem ser “naturalmente” magras.

³⁰ No site da empresa (<http://www2.nolita.it/nolita/>) comporta além das coleções do outono-inverno, uma explicação sobre a campanha. Também contém uma enquete que questiona se as pessoas são favoráveis a esse tipo de propaganda, que em 9/12/07 se encontrava com 76,10 % favorável e 36% contra. Oliviero Toscani também foi o responsável pela campanha da Benetton na década 80 do século passado.

³¹ <http://www1.folha.uol.com.br/foha/ilustrada/ult90u310969.shtml>



Ilustração 3 - Barbie anoréxica

O alcance dessa aparência bela passa a ser atrelada à disciplina corporal; um corpo magro e bem torneado passa a ser sinônimo de sucesso e de êxito pessoal (COURTINE, 1995). O corpo feminino contemporâneo é um corpo que está para ser visível, exposto. Embora a mobilização pelo embelezamento também esteja alcançando os homens, com produtos e serviços sendo direcionados exclusivamente para eles, principalmente para os chamados metrossexuais³², ainda há um encobrimento dessa vaidade. Enquanto a mídia exige para elas o padrão alongado, para eles é o corpo forte que se é almejado, no entanto, é sem dúvida sobre as mulheres que recai uma maior valorização da beleza.

A mulher bonita e desejada é magra, de pele vistosa e cabelos lisos brilhantes; independente de que seja esse, verdadeiramente, o real padrão masculino da beleza feminina. As imagens de beleza, corpo e sucesso vão sendo naturalizadas. As revistas de moda, as propagandas de cosméticos ou de qualquer outro produto, e posteriormente nas novelas, criam necessidades que se tornam valores, motivações e hábitos e precisam ser saciadas.

³² O termo foi utilizado pela primeira vez pelo jornalista inglês Mark Simpson e se refere aos heterossexuais das grandes metrópoles que se preocupam com a aparência e embelezamento, anteriormente vistas como coisas de mulher ou de homossexual masculino. Ficou mundialmente conhecido quando o jogador inglês de futebol, David Beckham, apareceu de sobrancelhas feitas e dizendo ser muito vaidoso.

Esse padrão de beleza, determinado pelo mercado da moda, criou inicialmente espaços de culto ao corpo, como as academias e as praias, mas acabou se fixando em qualquer ambiente de sociabilidade e de troca de distinção social. A beleza como um sonho de ascensão porque o capital físico pode promover a mobilidade social, pois (BOURDIEU,1979) a lógica da herança social permite que raras propriedades corporais, por serem um tipo de capital altamente requisitado, possam competir no mercado de bens ameaçando algumas hierarquias.

Paradoxalmente, a adesão a esse mesmo estilo de vida conduziu, de um modo adverso e mais imediato, a população a uma vida urbana sedentária baseada em alimentos gordurosos e em açúcares, gerando, portanto, uma propensão a um acúmulo de gordura corporal (SANT'ANNA, 1995)³³ que não condiz com a forma idealizada e que termina por gerar um grande grau de insatisfação.

Independente do incentivo da mídia vem crescendo o número de pessoas com sobrepeso e obesidade no Brasil, o que demonstra um desequilíbrio entre o padrão de gasto de energia e o de ingestão de alimentos decorrente dessa mudança do estilo de vida. A obesidade se tornou, no país, superior ao problema da desnutrição, com 38,6% da população com o peso acima do que recomenda os conselhos médicos (PPV/IBGE, 1997).

Seguindo tendências dos Estados Unidos, onde a gordura já é vista pelas autoridades de saúde como epidemia³⁴, o Brasil em 1997 (PPV/IBGE, 1997)³⁵ contava em 28,8% da sua população com sobrepeso e 9,8% classificada como obesa, resultando em 38,6% da população com peso a cima do recomendado pelos conselhos médicos, um padrão que, diga-se, é mais alto que os ditados pela moda. Em 2003, a Pesquisa de Orçamento Familiar (POF) demonstrou que tal população aumentou, 40,6% dos adultos entrevistados estavam a cima do peso, dos quais 20% foram diagnosticados como obeso. Tal porcentagem, que também está alcançando proporção epidêmica no Brasil, vem crescendo principalmente na região Nordeste,

³³ No ano de 2002, o Brasil já era o segundo país mais gordo, só ficando atrás dos Estados Unidos.

³⁴ Nos EUA 60% da população de adultos encontram-se acima do peso e 25% destes são considerados obesos, segundo dados da revista VEJA de 28/02/2001.

³⁵ A Pesquisa sobre Padrões de Vida observou que o número de obesos já ultrapassa o número de subnutridos (obesos 9,8% e desnutridos 4,6%), isso porque uma má alimentação também pode causar aumento de massa corporal, fato que desmente a idéia do senso comum que gordura significa saúde. Os dados da PPV foram retirados do Jornal Folha de São Paulo, (23/05/1999) e do site www.ibge.org.org/imprensa/press.htm.

onde nas décadas anteriores o principal problema de saúde era creditado à desnutrição.

Resultados da POF em relação a renda revelaram que os alimentos mais ricos em gordura estão presentes na dieta dos mais abastados. Nas regiões Nordeste e Sudeste, a POF também demonstrou que entre as mulheres o sobrepeso aumentou de forma diferencial: na região Nordeste, seguindo a linha dos países em desenvolvimento, houve um aumento no número de obesas com maior renda. No entanto, de um modo geral as mulheres brasileiras de menor renda, ou seja, de classes populares se encontram, diferentemente das décadas anteriores, mais gordas.

A gordura corporal vem sendo discutida a cada ano, como um problema crônico de saúde também devido à sua associação com outras doenças, como a diabetes tipo 2, hipertensão, câncer e doenças cardiovasculares.

A contradição entre aumento de peso e um padrão estético esguio, e os problemas decorrentes dela, está sendo apontada em algumas pesquisas realizadas nesse início de século. Em 2003 o Projeto Juventude ao investigar o perfil dos jovens brasileiros chegou a conclusão que 45% das adolescentes estavam insatisfeitas com a aparência de seu corpo. Tal resultado coincide com os dados de uma pesquisa realizada em Porto Alegre, cidade natal de muitas “modelos internacional” brasileiras, em que 14% das meninas sofrem de distúrbios alimentares como bulimia ou anorexia. A Sociedade brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP) relata que o número de cirurgias em adolescentes de 15 a 18 anos cresceu de 5%, em 1994, para 15% em 2003 (Pereira, 2006). E o IBOPE, em 2005, detectou que 14% da população entrevistada (68% de mulheres) têm disposição para fazer qualquer cirurgia para melhorar a aparência.

A Indústria Dove/Unilever³⁶, de produtos de embelezamento, realizou em 2004 e 2005 duas pesquisas, com mulheres de 15 a 64 anos de vários países, entre eles o Brasil, obtendo como resultado geral que para as mulheres o peso e a forma dos seus corpos são um incômodo social. No Brasil, o segundo país em insatisfação, 37% das mulheres relatou estarem descontentes com a aparência.

³⁶ http://www.campanhapelarealbeleza.com.br/uploadedFiles/br/dove_white_paper_final.pdf

Ainda nessa pesquisa, cujos resultados foram utilizados para uma campanha publicitária direcionada a realidade corporal das mulheres, 44% das entrevistadas brasileiras demonstraram vontade de perder peso. Tal insatisfação aparece na crescente busca por plásticas corretivas, usos de remédios, regimes e até adoção de métodos que podem gerar a bulimia. De todas as entrevistadas, 10% disseram já ter sofrido algum distúrbio alimentar. Entre as brasileiras jovens esse número foi maior: 22% das meninas de 15 a 17 anos de idade afirmaram já ter parado de comer em algum momento para perder peso.

Esses dados, embora tragam à luz os alarmantes dados sobre saúde atrelada a estética, também demonstram o problema social, que é ter um corpo fora desses padrões e querer a ele se ajustar. Por um lado, ser gordo é resultado de um estilo de vida, que conduz a um consumo maior de energia do que é gasto, por outro a sociedade é organizada para cidadãos magros, vide o tamanho das poltronas dos cinemas, teatros, dos assentos e as roletas dos ônibus, das cadeiras dos restaurantes e bibliotecas, além de ser ratificada através das propagandas, novelas e revistas de moda. A criação de algumas leis estaduais ou municipais que visam melhor integrar as pessoas que têm o peso acima do estipulado como normal³⁷, enuncia a exclusão social³⁸ em que são colocadas as pessoas que não se enquadram em tal padrão, por observar as dificuldades de locomoção em ônibus e de frequentar lugares públicos, dos obesos, devido às medidas dos acentos.

O aumento do número de cirurgias plásticas, juntamente com novos recursos da ciência, como as pequenas incisões e a utilização de procedimentos cosméticos como a aplicação de enxertos antirrugas, constitui outro indicativo da importância, para a população, de seguir os padrões estéticos socialmente estabelecidos: o Brasil já aparece como campeão mundial em cirurgias plásticas, ultrapassando os Estados Unidos.

³⁷ Em São Paulo, Mogi das Cruzes e Sorocaba desde 1998, destina-se 1% dos assentos públicos aos gordos. Em Santos, desde Janeiro de 1999, a “lei pró-gordo”, reserva 4% dos assentos dos transportes públicos, teatros, cinemas, bibliotecas, ginásios, casas noturnas e restaurantes para a população com excesso de peso. Leis que nem sempre são cumpridas.

³⁸ A afirmação dos direitos civis dos obesos frente à sociedade é complicada pelo estigma de serem culpados pelo estado de seu corpo. Exemplo da força desse estigma é o comportamento adotado pela população em apoio a algumas iniciativas de legislação semelhantes quando voltadas para os deficientes físicos, visuais e auditivos; o que não aconteceu com a “lei pró-gordo”.

Até as cirurgias de redução do estômago, ou *cirurgias de emagrecimento* como começam a ser chamadas, que inicialmente eram indicadas apenas para os pacientes com casos de obesidade mórbida (45 quilos ou mais acima do *peso normal*), em que o indivíduo corresse risco de vida, tornam-se agora um recurso para todos os que procuram um emagrecimento rápido, tornando-se uma solução a mais na busca de se livrar dos *dramas estéticos* e de fazer uma *recauchutagem do corpo*. A cirurgia plástica estética torna-se um caminho para se alcançar o bem estar, melhorar a autoestima e dar satisfação corporal. Se até os anos 80, elas eram realizadas secretamente por estarem associadas à sintomas de obsessão, histeria ou narcisismo, hoje elas se tornaram sinônimo de busca pelo bem-estar, por tornar possível o alcance do padrão estético.

O embelezamento feminino no Brasil pode ser observado através de uma história do corpo que passa pela medicina, esportes até chegar a moda. Inicialmente a beleza, ainda estava submetida à saúde e não permitia uma vaidade excessiva, porém em meados do século XX, o corpo belo passa a ser cultivado individualmente e cotidianamente. A apresentação de um corpo sedutor passa a significar *amor próprio* e *autoconhecimento*, e esse passa a ser a finalidade do processo embelezador. Segundo Castro (2006) a preocupação com a apresentação e com o corpo faz parte da construção da identidade, de forma que as academias e clínicas de beleza caracterizam-se como maneiras de estabelecer formas de sociabilidade e de distinção social.

Sant'Anna (1995) observa os *gestos que embelezam* presentes em registros como artigos, anúncios publicitários, manuais de beleza, revistas de moda, assim como a infiltração dos valores de consumo na vida das mulheres. A estética corporal feminina inicia-se, segundo essa autora, decorrente, dos padrões morais e dos interesses econômicos e científicos de cada época, e revelaria "as nuances do antigo sonho de ser moderno e civilizado, que há muito persegue as elites desse país" (SANT'ANNA, 1995, p.122).

Também a historiadora Del Priore, fazendo uma análise do corpo feminino no Brasil, observa que a moda da mulher magra surge no Brasil por volta do início do século XX, como uma imitação dos padrões de vida americanos ou resultado de uma adequação a moda europeia. Observa a importância do papel da propaganda na

divulgação do belo, e conclui que tal culto ao corpo magro, torneado – e que seria o caminho para uma felicidade individual – não seria requisitado igualmente entre todos os grupos da sociedade.

Para Del Priore, falar do corpo é discursar sobre a história e cultura de uma sociedade. A preocupação com o corpo feminino é tema comum, e no Brasil ocorre desde o Império, sendo que o culto ao corpo magro tem início no século XX, com a higienização e a difusão das práticas esportivas, aliado ao crescimento da mídia e da indústria cinematográfica, coloca a autora.

Tais fatos trouxeram o corpo feminino antes *sagrado* e confinado à residência, para o âmbito público. As noções de feminilidade começam a modificar. O ideal do corpo feminino passa a significar a reunião entre beleza-juventude-saúde. Essa tríade do sucesso, onde beleza está associada à juventude, e juventude à saúde, além de que, juventude também passa a indicar sucesso, saúde e prazer (COURTINE,1995; TURNER, 1995; DEL PRIORE, 2000; RIBEIRO, 2006), conduziria à seguinte ideia: “Envelhecer começa a ser associado à perda de prestígio e ao afastamento do convívio social. Associa-se a gordura diretamente à velhice”, explica Del Priore, em sua reconstituição histórica do corpo feminino, e continua “A gordura opunha-se aos novos tempos que exigiam corpos ágeis e rápidos. A magreza tinha mesmo algo de libertário: leves, as mulheres moviam-se mais e mais rapidamente, cobriam-se menos com vestidos mais curtos e estreitos, estavam nas ruas” (2000, p. 75).

É necessário, entretanto, um disciplinamento dos corpos, que deve ser feito de maneira individual, e que traz consigo uma promoção, também própria. Segundo Courtine, essa cultura do corpo surge, nos Estados Unidos, como um reflexo da ética puritana: “um renascimento individual que passa por uma conversão corporal” (1995, p.89). O cuidado com o corpo passa a fazer parte das obrigações do cristão. No século XX, o valor do corpo como mercadoria vai crescer ao longo do século (COURTINE, 1995, p.98). Contrariando essa ideia em que cuidar do próprio corpo é assegurar a salvação da alma a preocupação torna-se agora salvar os corpos da rejeição social (DEL PRIORE, 2000).

A moral corporal onde o corpo belo aparece como um capital, um bem que pode ser trocado por uma ascensão social e material teria chegado ao Brasil por uma

americanização do comportamento das classes médias (SANT'ANNA,1995; MALYSSE,1998). O corpo desejado da modernidade seria, portanto, construído para o consumo – ou para ser o cartão de visitas que permite o “consumo” de si ou de outros corpos ou coisas – em uma sociedade de consumo por ter virado símbolo de status, (COURTINER,1995; TURNER,1989; BOLTANSKI, 1989; DEL PRIORE, 2000) e vai ser perseguido a custo de dietas, cirurgias e exercícios.

Os modos de corpo são globalizados?

As revistas de moda ou de utilidades a partir dos meses de outubro e novembro, ou seja, meses que antecedem o verão, tornam-se bastante inclinadas para a questão corpo e beleza. Essas revistas são, junto com as propagandas e as novelas, os mais importantes meios de vinculação dos padrões estéticos, por propor ensinamentos de como se adequar a eles, e vender os modos de ser que precisam ser aceitos para terem tal aparência, e dessa forma o êxito em todos os âmbitos da vida.

Apenas como exemplo, podemos observar as matérias de capa da revista Claudia, da editora Abril, nesse período, outubro e novembro de 2007. No quesito MODA são ressaltadas as matérias: “Looks de festa por até R\$380,00 – roupas pra fazer bonito a ótimos preços”; já em BELEZA encontramos: “Contagem regressiva para o verão – três cardápios pra você emagrecer e encarar o bisturi numa boa”.

A revista Claudia é direcionada a moda e estilo de vida de um grupo mais abastado, isso pode ser afirmado pelo seu preço e pelo valor dos produtos que ela veicula; o que podemos observar também por uma das chamadas da capa em que coloca o valor de um salário mínimo como o valor do “look” que deve ser adquirido.

A revista poderia ser enquadrada, enquanto mídia, no discurso dos autores pós-modernos, enquanto meio de construção e condução à substituição de novos desejos e identidade. No entanto é direcionada a uma classe específica, que

possuindo amplo capital econômico e cultural, direciona a corrida na realização de tais desejos. Como numa corrida de gato-rato, quando tais desejos se tornassem de possíveis acesso à maioria da população, não possuidora de tais capitais, esse grupo atraído pela mídia, já estaria inovando em novos desejos de ser e ter.

Nos últimos anos, ganharam notoriedade revistas semanais a preços populares, R\$1,99, que também têm como objetivo matérias como culinária, dietas, beleza, família e saúde, ao que se acrescentam novelas e celebridades. O filão celebridades juntamente com o valor é um diferencial, que direciona a revista aos grupos mais populares.

A Malu, da editora Alto Astral, é uma destas revistas que aborda o “universo feminino” surgidas à alguns anos e que agora ganharam maior dimensão. Traz semanalmente também, como brinde, um caderno de receitas fáceis, de baixo custo e muitas vezes bastante calórica, o que contrapõem completamente os ensinamentos a respeito da manutenção da beleza corporal e de preparação da imagem para o verão que pregam.

Na primeira semana do mês de novembro a revista Malu tinha na capa nove matérias, sendo que cinco eram direcionadas a emagrecimento e embelezamento. Eram elas: Dieta antibarriga – perca 2kg esta semana; 30 dicas médicas para não engordar mais; Seios empinados – cirurgias e sutiãs mais indicados para mantê-los assim; duas técnicas para recuperar os fios ressecados e ganhar cabelos novos já; e Unhas decoradas – passo a passo.

A ampla divulgação dessas revistas nos permitiria a aceitar os discursos dos pós-modernos como uma práxis válida também para as classes populares?

Alguns autores observam que disciplinar corpos muitas vezes vai de encontro à atitude somática dos grupos, seja ele familiar, de vizinhança ou de classe (Boltanski,1989; Aguirre, 2005), pois o que é comível, o que se pode vestir, manejar, aparece como comum a um grupo de pessoas que compartilham posições, condições e interesses, e mesmo depois de manifestada uma disposição de modificar tais modos de agir, eles ainda aparecem como possíveis, como antigos presentes. Isso porque o passado nunca é totalmente descartado principalmente

quando se trata de um passado ligado ao corpo³⁹. Os modos de vida, ou de estar no mundo, anteriores a cada contato com antigos relacionamentos e atividades, ou por apenas lembranças, podem ser convocados e “reabrir o tempo perdido” (MERLEAU-PONTY, 1996: 127).

O disciplinamento corporal para a conformidade com o cânone de beleza do momento não pode ser um produto de uma consciência pura que põe ou impõe uma vontade que deve ser realizada de modo imediato, ou não haveria, para nos deter apenas em nosso tema, tantos grupos e estratégias para modificações corporais, mas também não pode se tornar uma imposição midiática que é acolhida de modo total ou haveria uma uniformidade corporal.

Del Priore, fazendo uma análise do corpo feminino no Brasil, observa o papel da propaganda na divulgação do belo, e conclui que o culto ao corpo magro, torneado – e que seria o caminho para uma felicidade individual – associado às qualidades pós-modernas de beleza, saúde e juventude, não seria requisitado igualmente entre toda a sociedade. Ela afirma que

“ele pertence a quem possui capital para frequentar determinadas academias, tem *personal trainer*, investe no *body fitness*; esse corpo é trabalhado e valorizado até adquirir as condições ideais de competitividade que lhe garanta assento na lógica capitalista. Quem não o modela, está fora, é excluído” (DEL PRIORE, 2000, p. 92).

A evidência que tal estética da magreza esteja associada a uma população de alta renda, como reflexo das questões econômicas no âmbito social, também é compartilhada por outros autores. Bryan S. Tuner (1989) observa que o culto ao corpo magro, desde o século XX, é uma continuação, em princípio, do culto ao corpo gordo, no século XIX, pois os dois estão calcados na questão econômica, enquanto a população de alta renda fazia parte de uma classe ociosa, os corpos redondos, decorrente dessa ociosidade, eram visto como belos e desejosos. Os corpos gordos

³⁹ Sobre essa ligação com o presente que se torna passado, ou seja, sobre a relação do corpo com a temporalidade, Merleau-Ponty observa que “... o tempo nunca se fecha inteiramente com ele (*com o passado*), que permanece como uma ferida por onde nossa força escoar. Com maior razão, o passado específico que é nosso corpo só pode ser reaprendido e assumido por uma força individual porque ela nunca o transcendeu, porque ela o alimenta secretamente e emprega nisso uma parte de suas forças, porque ele permaneceu seu presente como se vê na doença em que os acontecimentos do corpo se tornam os acontecimentos da jornada diária.”(Merleau-Ponty, 1996, 126).

representavam bonança, significando, o status social de quem o portava. Hoje como os corpos “devem” representar êxito, triunfo, disciplina, disposição - distinções de status do homem moderno – os corpos gordos tornam-se associados à velhice e preguiça e assumem um lugar desprestigiado socialmente, o que demonstra bem o aspecto cultural e histórico da mudança de padrões, e que também remete à questão de diferenciação por grupos sociais, já que no início do século passado esse era o tipo físico tido como desejável e que indicava abundância e poder.

Aguirre (2000) observa que os hábitos estéticos são resultados dos diferentes hábitos alimentares realizados pelos vários grupos sociais em que os indivíduos estão inseridos, contribuindo para a construção de suas identidades.

Segundo essa autora, cada grupo social teria sua própria representação de corpo ideal, no entanto, esta apareceria relacionada aos seus hábitos alimentares, devidamente sustentadas em práticas culturais. O ideal corporal decorreria das práticas de alimentação que indicam o que é estar saudável para cada grupo social, a depender de suas condições socioeconômicas.

“Cada sector social tiene una concepción de qué cuerpo es el ideal, y en función de eso, no come cualquier cosa, sino el alimento que pueda transformarlo por dentro en función de las características de ese cuerpo ideal” (AGUIRRE, 2005)

Para os “setores pobres” o conceito “forte” expressa tanto a saúde quanto a beleza. Já os setores médios, que procuram o corpo belo, e as camadas ricas, que buscam corpos sãos, têm no conceito “fraco” a sua designação corporal (AGUIRRE, 2000). Desse modo, o comentário de que uma mulher está “mais forte”, pode ser visto como um elogio para uma mulher de uma classe popular, e como uma ofensa para outra de camada mais rica.

Boltanski, em *As classes sociais e o corpo* (1989), ao falar de como as pessoas utilizam seus corpos a depender das classes em que estão inseridas, passeia por aspectos clínicos, técnicos, econômicos, sociais e corporais. Como já foi visto, para esse autor cada classe social teria diferente relação com seu corpo não só em relação aos hábitos alimentares, mas em todos os aspectos, tanto em relações aos sintomas e tratamento das doenças, como em relação às outras interações sociais

como sexo, trabalho, moda e estética. O grupo mais abastado socialmente seria o responsável por criar ou mudar o sentido dado ao corpo, fazendo com que a alimentação e as práticas esportivas sejam modificadas visando a manutenção da boa forma e também do padrão de beleza vigente.

A atenção que as pessoas dariam aos seus corpos seria resultado da experiência ou cultura somática, ou seja, do uso prático cotidiano feito deles. Por ser responsável pelas regras de comportamento corporal nas atividades mais cotidianas, a cultura somática seria distinta a cada grupo ou classe social.

Nesse grupo social é que ocorreria a mudança no sentido dado ao corpo, devido a sua maior aproximação com atividades intelectuais, resultando delas as novidades e padrões adotados socialmente. Isso porque todas as sensações corporais, tais como sintomas de doença e até o cansaço, são vivenciadas e valorizadas.

Por outro lado, os grupos que realizam trabalhos corporais se distanciariam desse tipo de reflexão, sendo apenas os seguidores dos padrões criados na tentativa de lhes obter os mesmos status sociais (BOLTANSKI, 1989).

“A valorização da ‘magreza’ cresce quando se passa das classes populares às classes superiores ao mesmo tempo que cresce a atenção dada à aparência física e que decresce correlativamente a valorização da força física, de maneira que dois indivíduos da mesma corpulência serão considerados como magros nas classes populares e gordos nas classes superiores” (p.169).

Boltanski considera as formas de corpos, aceitáveis socialmente, seriam resultantes da utilização feita pelo corpo dos sujeitos a depender das “condições objetivas”, de modo que a estética corporal funcionaria como “distinção” de uma classe, mas que procuraria ser seguida pelos membros das outras visando participar também do “capital” que é conferido a tal forma corporal⁴⁰. A relação com o corpo cresceria à medida que se aproximasse das classes que compõem a elite, se afastando das classes populares, ou como coloca o próprio autor,

⁴⁰ A utilização dos termos “distinção” e “capital” segue como conceituados por Bourdieu em grande parte de suas obras, em especial em *O poder Simbólico* (1979: 144); como aqueles elementos que permitem a delimitação da pertença à dada classe de agentes e que podem ser “acumulados”, “perdidos” ou sofrer uma “inversão” em outras formas de capital.

“À medida que se sobe na hierarquia social, que cresce o nível de instrução e que decresce correlativamente e progressivamente o volume de trabalho manual em favor do trabalho intelectual, o sistema de regras que regem a relação dos indivíduos com o corpo também se modifica: quando sua atividade profissional é essencialmente uma atividade intelectual, não exigindo nem força nem competência físicas particulares, os agentes sociais tendem primeiramente a estabelecer uma relação consciente com o corpo e a treinar sistematicamente a percepção de suas sensações físicas e a expressão de suas sensações [...] e, em segundo lugar, tendem a valorizar a ‘graça’, a ‘beleza’ ou a ‘forma física’ em detrimento da força física” (BOLTANSKI, 1989, p.168-169).

Através dessa análise, as formas corporais socialmente requisitadas seriam resultantes da utilização dos corpos decorrentes das *condições objetivas* de cada grupo, de modo que a estética corporal funcionaria como *distinção* de uma classe. Assim em nossa sociedade ser magro tornar-se-ia a expressão simbólica do uso social que é feito do corpo da população mais abastada: o corpo promoção, que conduz à satisfação de desejos e ao enriquecimento material, por isso os outros grupos sociais procurariam se adequar a tal padrão visando participar também do *capital* que lhe é conferido. Como todos os outros objetos associados ao status e poder, o corpo participaria da hierarquia das classes por também ser:

“...um sinal de status – talvez o mais íntimo e daí o mais importante – cujo resultado simbólico é tão maior, pois, como tal, nunca é dissociado da pessoa que o habita. (BOLTANSKI, 1989, p.183)

Desse modo, além das classificações econômicas e sociais existentes, apareceria a classificação estética como mais uma distinção separatória, de modo que agora estariam de um lado os bonitos e ricos com seus corpos magros e do outro os feios e pobres, e consequentemente gordos.

Essa análise de Boltanski embora dialogue com os autores a cima citados, servindo para justificar as diferenças nas formas corporais dos diferentes grupos na sociedade, traz uma contraposição entre corpo e reflexão que pede um pouco mais de atenção, porque se de um lado é verdade que a cultura nos interpela com seus

símbolos e regras, não podemos esquecer que isso se dá na prática dos grupos, a depender das suas interações nos diversos campos, assim como a depender do sexo, da idade, da aproximação ou não entre os atores. Essas ações não são refletidas, elas só se revelam como regras na prática que elas regem, pois na vida cotidiana há uma primazia da prática, que une corpo e cultura, sobre a reflexão.

Assim, embora a análise de Boltanski seja conveniente no que se refere aos *habitus* e a cultura somática, para começar a analisar juntamente com os outros autores a existência de padrões estéticos diferentes entre os vários grupos sociais, não é possível aceitar a sua fundamentação na contraposição entre corpo e reflexão. Como já foi visto, pode-se dizer que as formas corporais estariam, portanto, atreladas a um modo de ser no mundo, ligado ao grupo familiar e sociocultural, mas paradoxalmente seria decorrente de um voluntarismo, visto que novas possibilidades foram abertas com a contemporaneidade.

E O CORPO DAS CLASSES POPULARES?

Encontrando corpos populares

O ideal de beleza contemporâneo afirmado pelas revistas, novelas, filmes, hollywoodianos ou não, condiz com um corpo magro e alongado e no Brasil acrescenta-se a preferência pelos cabelos longos e lisos, muitas vezes loiros e uma pele levemente bronzeada. Esse é um tipo que vemos nas revistas, nos filmes, nos shoppings de elite, nas praias mais distantes e badaladas no verão, nas academias mais caras da cidade. Mas se andarmos nas ruas de Salvador o que podemos observar é uma população de corpos mais gordinhos e cinturas arredondadas, peles muitas vezes negras, ou *quase pretas* e cabelos lisos ou alisados pelos mais distintos recursos e com vários diferentes resultados⁴¹. As peles brancas, do modelo hegemônico das revistas mundiais, no Brasil ficam um pouco restritas, sendo um pouco mais em Salvador, cidade praieira e de verão quase que constante, com um grande número de negros e mestiços nas classes populares e também médias.

Nos bairros de classe média da cidade – tendo como exemplo Graça, Rio Vermelho e Pituba - há uma tentativa quase hegemônica de enquadramento nesse modelo, principalmente no quesito cabelos lisos e corpo magro, acrescentando uma adequação à moda de modo que esses aspectos sejam ressaltados ou escondidos caso não estejam de acordo ao padrão, o que demonstra uma aceitação do cânone atual. Porém nos bairros de classe popular as investigações não demonstram total imersão na adoção deste cânone, como demonstram os trabalhos de Pereira (2006) e Farias e Silva (2006).

⁴¹ É preciso lembrar que em alguns lugares das cidades como numa festa de Black Music ou nos shows do bloco afro Ylê Ayê os frequentadores procuram manter um padrão diferenciado, de modo que podemos encontrar o estilo afro-brasileiro em sua melhor performance: cabelos no bom estilo black power, toucas volumosas, dreads longos e bem tratados, roupas modernas.

No estado de Minas Gerais, Rita Farias e Alice Silva (2006) analisam a trajetória de adolescentes de bairros populares que participam de cursos de modelo. As autoras observam que o objetivo das meninas é alcançar um estilo de vida mais próximo ao das pessoas famosas, de modo que o curso representa uma possibilidade de acessar um mundo de reconhecimento e dinheiro, ou seja, de fama.

Segundo as autoras o curso é visto pelas meninas como muito positivo por aprenderem coisas que não vivenciariam em família, já que o curso conduz a aprendizagens que recaem sobre como cuidar melhor do corpo, da aparência e como se comportar em eventos sociais, e que termina por acarretar algumas mudanças nos padrões sociais, técnicas corporais, valores e interesses. Como resultado dessas novidades alguns aspectos do corpo que antes eram visto como normais ou até mesmo bonitos, a partir do curso podem tornar-se feios ou *defeituosos* por não se adequarem ao modelo sugerido.



Foto 5 - Estilo padrão de vestuário para lazer

Diferenciando dos muitos estudos sobre corpolatria nos bairros da orla norte do Rio de Janeiro, Pereira (2006) preferiu analisar a construção da feminilidade e de beleza ideal de adolescentes, moradoras do bairro popular Cidade de Deus, que participavam de um curso de manequim. A autora observa que a realidade carente

destas adolescentes as distanciava deste cânone e que o padrão de beleza aparece muito mais associado à sensualidade, juventude e humildade, do que à beleza física. Do mesmo modo, e decorrente dessa visão, o controle do peso e o regime não são vistos como um ponto importante para as adolescentes que realizaram o curso, ou porque estão em idade de crescimento ou por já terem sofrido processo de desnutrição, de modo que o controle alimentar próprio da vida de modelo, nesse caso, se dá mais pela professora ou pela mãe, do que pelas próprias adolescentes.

“Este padrão de beleza determinado pelo mercado da moda é perseguido por mulheres no mundo inteiro, mas não surgiu entre as entrevistadas da Cidade de Deus como um exemplo de *beleza ideal*. Para elas, o modelo magra-alta é símbolo de ingresso no mercado de trabalho, mas não é admirado como um ideal de beleza”. (PEREIRA, 2006, p.6)

Alguns estudos demonstram que nos bairros de classe média a busca pela adequação ao padrão de beleza é bastante intensa (OSÓRIO, s/d; GOLDENBERG, 2005a, 2005b; MOTA, 2007; BERGER, 2006). Entretanto, nos bairros populares o mais comum são os corpos mais arredondados, sem nenhum pudor de esconder tais *imperfeições* corporais diante dos ditames da moda, o que remete as discussões sobre o *corpo popular* de Mikhail Bakhtin, que traz uma afirmação e exposição de um corpo que é estranho aos valores aceitos como belo.

Se a regra das classes abastardas é ter um corpo trabalhado, magro, malhado, perfeito, o corpo popular se expressa exatamente de modo oposto, aparecendo como um corpo não perfeito decorrente das experiências cotidianas de trabalho e por isso vinculado ao mundo.

Analisando o fenômeno da música brega em Recife Fontanelle (2005) ressalta a existência de uma *estética subalterna* profundamente focada no corporal. Sobre esse aspecto o autor observa, baseando-se em Bakhtin, que a cultura popular expressa uma corporeidade singular em relação à estética vigente resultado de uma particular abertura para o mundo, onde algumas partes do corpo, tais como o ventre e as nádegas, são evidenciadas por serem locais de troca com o mundo.

A cada passeio nas ruas de Pau da Lima fui podendo confirmar minha impressão inicial: não era difícil ver mulheres gordinhas com roupas apertadas, shorts colantes

e *gordurinhas* a mostra. O que fui percebendo devagar e a cada novo passeio no bairro, era que suas unhas estavam sempre bem feitas, que os cabelos resultavam de cuidados de salão de beleza - eram na maioria alisados, muitas vezes alongados por *megahair* e estavam bastante alinhados. Foi se constituindo uma diferente noção na ideia do belo; entre a beleza do corpo popular e o cânone corporal.



Foto 6 - Tipo físico e vestuário comuns em Pau da Lima

Pois embora encontrasse corpos velhos, baixos, gordos e muitas vezes desengonçados e comuns, era visível também que eles compartilhavam características do padrão estético hegemônico, como os cabelos e as roupas da moda.

Diante desse quadro evidenciava a questão da existência de uma imersão corporal distinta nos bairros populares, que fazia com que o modelo corporal não fosse completamente aceito, mais também não fosse contestado diretamente.

Desacordos e semelhanças

Numa noite de segunda-feira fui no Espaço Axé, local de apresentações artísticas situado em Pau da Lima, conferir o Feijão dos Artistas: noite dedicada à apresentação de grupos de pagode ainda não revelados em que se tornou famosa uma feijoada servida a cinco reais o prato. A noite do feijão foi pensada para propor um contato maior de alguns moradores do bairro que não frequentavam o espaço devido ao preço da entrada dos shows, e que muitas vezes ficavam concentrados apenas na rua em frente onde podiam se encontrar e ouvir a música, mas não apreciar o show. Desse modo a festa foi proposta para ser gratuita, sendo cobrada apenas a feijoada e as cervejas de quem os consumisse. Atualmente, cobra-se um valor simbólico de R\$ 1,00 por pessoa, com caráter educativo. Explicavam que por ser gratuito, vários grupos de rapazes rivais entravam, não para se divertir, causando brigas.

Por ter chegado cedo pude ver a movimentação das pessoas que enchiam o local. Muitos rapazes com seus cortes de cabelo característicos e algumas meninas, quase todas de shorts e camisetas, independente da forma e tamanho de seus corpos. Idades variadas. Um grupo fazia fotos com os membros do grupo musical que ainda não estavam no palco, outra tradição dessa noite. Quando a banda iniciou o show apenas os meninos foram dançar na frente do palco, acompanhando a coreografia dos cantores da banda. Do lado de fora alguns grupos conversavam e outros se preparavam para entrar.

Sentada com um grupo de sete ou oito pessoas uma moça me chamou bastante atenção. Sua estética contradizia bastante o que muitas informantes haviam me dito a respeito de seus corpos. Essa moça que não passava de 25 anos, com rosto bem maquiado e com lisos cabelos negros que desciam até um pouco abaixo dos ombros, vestia-se com de modo básico: de top e jeans. Sendo um pouco gorda tinha uma barriguinha que se projetava e caía um pouco na frente do short que vestia, imediatamente lembrei do discurso das meninas que havia entrevistado e da contradição entre o dito e o visto no bairro.

Quando se trata do corpo é comum essa relação dúbia, não apenas em relação à imagem como também aos motivos de cultivo. Algumas mulheres, por exemplo,

alegam que o cuidado ao corpo é para se ter uma melhor saúde, mas no meio da entrevista percebe-se que a questão ser bela torna-se prioritária.

Em Pau da Lima todas as entrevistadas, das mais velhas as mais novas, apresentaram como um critério para a beleza da mulher não ter barriga e a maioria delas relatou que esse era um motivo de insatisfação com seus corpos. Nas ruas do bairro as barrigas fartas e a mostra contrariam o discurso das suas mulheres, indicando que a noção que se tem do belo nem interfere no modo em que elas se lançam na vida cotidiana.

O modo de se vestir diariamente para os acontecimentos domésticos pode requerer roupas mais maleáveis e frescas, e é com essas mesmas roupas que se corre rapidinho para comprar algo para o almoço ou o pão para o café; do mesmo modo que alguns lugares como as praias requisitam roupas específicas, as festas de pagode pedem as calças coladas, os shorts e as saias curtinhas, assim como os tops curtos com as barrigas a mostra.

Joana tem 18 anos, 1,68m de altura, 61 kg e olhos verdes. Quando nos encontramos para a entrevista ela vestia um terno cor de rosa claro, pois após a nossa conversa ela iria para a empresa de material cirúrgico onde trabalha. Sonha em ser psicóloga, se acha linda, mas ao mesmo tempo reclama das gordurinhas.

“Meu corpo? Ah, eu me acho linda. (sorri). Eu me acho bonita. Não tenho o que reclamar não. Às vezes, eu me acho um pouquinho de barriguinha aqui, barriguinha ali, aquelas banhas indesejadas, mas eu tô satisfeita! (...)

Agora eu tô com 60kg, 61, 62, quando eu tô muito, assim, comilona e tal. Mas, meu peso ideal é 58, 59kg. Eu tô achando que eu já estou acima do peso. Meu número já está aumentando. Já aumentou um número. Eu já tô ficando muito preocupada com isso. Mas ainda ta dando pr’eu sobreviver!”.

O discurso de Joana por estar bastante envolvido com os desejos do corpo ideal poderia ser atribuído a uma garota que morasse em outro bairro ou até em outro país, sendo bastante semelhante aos das garotas informantes de Budgeon (2003) nos Estados Unidos.

Durante toda a conversa falou da barriga que é “rebelde” e que utiliza artimanhas para escondê-la: utilizando uma blusa mais folgada ou uma sobreposição para disfarçar.

“Eu odeio a minha barriga assim. Ultimamente ela tá muito rebelde. Tem roupas, hoje mesmo, eu ia ficar só com a parte de baixo da roupa, uma blusa assim, assim justa, aí eu fico, meu Deus... essa barriga não está dando para ficar a mostra. Aí eu coloco outra coisa para disfarçar. Ultimamente eu tô assim, com essa briga, com ela”.

Barriga grande, banha, pneuzinho, gordurinhas indesejadas... Tanto as meninas de 18 à 20 anos, quanto as com mais idade, apontaram esse excesso como o motivo de maior desgosto no corpo, no entanto poucas colocam que este incômodo chega a interferir nas suas roupas.

Tal insatisfação presente nas entrevistas pode decorrer de uma contradição atual; ao mesmo tempo em que o modelo de beleza é o corpo magro, cresce o número de pessoas com sobrepeso e obesidade, devido à mudança do estilo de vida que causa desequilíbrio entre o padrão de gasto de energia e o de ingestão de alimentos dele decorrente, mas também pode ser apenas a adequação ao modo de se vestir de um local.

De um modo geral Joana não está sozinha em Pau da Lima, das 15 mulheres entrevistadas apenas três, todas elas com mais de 40 anos, não colocam a barriga saliente como um problema. Já para as mulheres com até 20 anos cuja concepção de beleza se aproxima bastante dos padrões fornecidos pela mídia; o corpo magro e “sensual” é o almejado.

Marcela, negra, autointitulada morena, tem 19 anos e trabalha há menos de um mês como manicure em um dos muitos salões de beleza do bairro, a caminho do fim de linha. Cursa o segundo grau de uma escola pública no próprio bairro. Agora não faz mais atividade física, mas quando era menor fez academia de dança. Com 1,57m e pesando 45 kg, acredita o seu corpo está “direitinho”, as pessoas dizem que ela tem um corpo bonito, no entanto ela se preocupa bastante com alimentação devido a saúde mas, quando chegou aos 47 kg se sentiu gorda.

“Meu corpo precisa só mudar um pouquinho, só os seios que eu acho muito grande pro meu corpo. Mas o meu corpo é direitinho. (...)”

As minhas pernas, pelo fato de eu ter tido catapora, é cheia de manchinhas. Muita gente fala, muita gente comenta, né? ah, ela é muito bonitinha, mas as pernas dela são manchadas”.

Da mesma faixa etária, Mariana e Lila são colegas na academia de ginástica e tem a mesma opinião em relação a vários itens do atual padrão de beleza, como a necessidade de disciplina e força de vontade para ter um corpo bonito, ou seja, magro. Mariana, 20 anos, 60kg distribuídos em 1,59m de altura se diz “um pouco gordinha”. Por isso está na academia, no início do ano esteve com 66kg e foi procurar um endocrinologista pensando que era “problema com os hormônios, mas na verdade era ansiedade de [falta de] trabalho”.

“Tinha terminado a escola e fiquei ansiosa. Mas não passei no vestibular. (...)”

O médico disse que até 60 tá normal, mas eu quero mesmo é 55 kg”.

Observa que frequentar a academia e cuidar da aparência, assim como vestir o que pede a moda é uma forma de se manter bonita e diz ser bastante vaidosa: “se tivesse dinheiro compraria bastante cosmético pra ficar bem bonita”.

Essa é a terceira vez que retorna para academia esse ano, já Lila, também 20 anos, 1,70m, sua colega nas aulas de musculação é mais disciplinada:

“Malhar é uma forma de liberar o stress. Não dá pra ficar só dentro de casa. Em casa a gente come, come, come. Só engorda.”

Lila mostra-se mais voltada a se adequar aos padrões, acha que se ela está magrinha tem mais chance de ter bons trabalhos.

“Terminei o segundo grau e agora tenho que trabalhar. Mas não vou trabalhar em qualquer coisa... Eu tinha que fazer uma faculdade, mas enquanto isso vou ficando mais bonita”.

Sobre o que é ficar bonita, muitas delas concordam que não é apenas um corpo torneado. Pele limpa, cabelos alisados e unhas feitas são aspectos de beleza seguidos e bem visto no bairro, e aparentemente mais significativo do que seguir o modelo ideal do corpo magro. Muitas observam que desde muito cedo frequentam os salões de beleza ou fazem unhas com manicures nas próprias casas.

“Ficar bonita não é só ter um corpo bonito, é ter cabelos bem tratados e pele limpa. Quando eu faço meu cabelo eu me sinto muito bonita!” (Lila, 20 anos)

“Desde os quinze anos que vou ao salão. A primeira vez que fiz escova e sobancelhas foi pra minha festa de aniversário. Depois ficou de 15 em 15 [dias]. (...) Sou vaidosa, se tiver dinheiro estou comprando cosméticos!” (Mariana, 20anos)

“Ter cabelos bonitos preto. Adoro cabelo preto e que seja bem feita de corpo, né? Que *teja* barriga lá dentro, que *teja* a bunda empinada, que eu acho bonito... que deixa o corpo da mulher muito bonito, a pele limpa também... acho muito bonito a mulher da pele limpa...” (Paula, 29 anos)

“Gosto de maquiagem, salto alto... principalmente no final de semana. As unhas têm que estar feitas”. (Maria, 29 anos)

“Eu não gosto de usar maquiagem, mas limpeza de pele é importante. Banho de sais, de espuma... Agora tô mais relaxada, só faço de ano em ano.” (Alzira, 42 anos)

Unhas e cabelos limpos e *arrumados* também foram citados como formas de identificação de que as mulheres do bairro eram vaidosas. Em uma das academias do bairro a atendente Bruna, 22 anos, me questionou como eu poderia perguntar se as mulheres do bairro eram vaidosas, e me chamou a atenção para as mulheres que faziam ginástica ao meu redor: todas com cabelos lisos e unhas pintadas.

Desse jeito a ideia de beleza não pode ser representada apenas pelo corpo *bem feito*, mas a barriguinha *lá dentro* é vista como uma necessidade, nem que seja apenas estética ideal. Todas mencionaram como modelo de beleza o abdome durinho e sem gordura. No entanto o corpo popular, das ruas, como já foi observado,

difere desses ideais estéticos e ao que parece influencia na sua cotidianidade, os modelos populares de beleza.

Ter um corpo bem feito não significa necessariamente ser magra ou modelar o corpo conforme o padrão de beleza vigente, podendo inclusive ser a ele conflitante. Dessa forma o discurso do corpo belo magro se distancia do modelo de corpo belo desejado, que deve ser malhado, mas não tão magro, se aproximando mais dos seus corpos reais.

“Sheila Carvalho, eu acho o corpo dela lindo. O corpo dela, eu acho lindo. (...) Bem feita de corpo. Cinturinha fina. Sem nenhum pneu, toda lighth. Toda em forma.” (Luísa, 28 anos)

“Muito magra não, acho que os homens gostam de carne. Ter onde pegar. Eu gosto de malhar, mas não quero ficar magricela, tem que ter carne.” (Gloria, 31 anos)

“Ah, e eu não tenho bunda! Minha bunda é chulada. (...) Claudia Raia é bonita.(...) Débora Secco também eu acho bonita, apesar de ser magrinha, de ser... (ri), mas eu acho bonita.” (Paula, 29 anos)

As pernas grossas, ou os *pernões* também apareceram nas entrevistas como sinônimo de beleza feminina, por ser um quesito aprovado pelos homens. Rita, uma moça morena com olhos esticados e pernas grossas, de 29 anos com quem conversei informalmente enquanto ela me servia um lanche numa lanchonete comentou da beleza das pernas grossas nas mulheres do bairro. Ela discorda de que as mulheres do bairro são vaidosas dizendo que elas só se embelezam para ir a uma festa, o que contradiz a existência de tantos salões no bairro. O corpo com pernas grossas seria uma característica de beleza que elas cultivavam e por isso sempre estavam de shorts curtos ou calças coladas ao corpo.

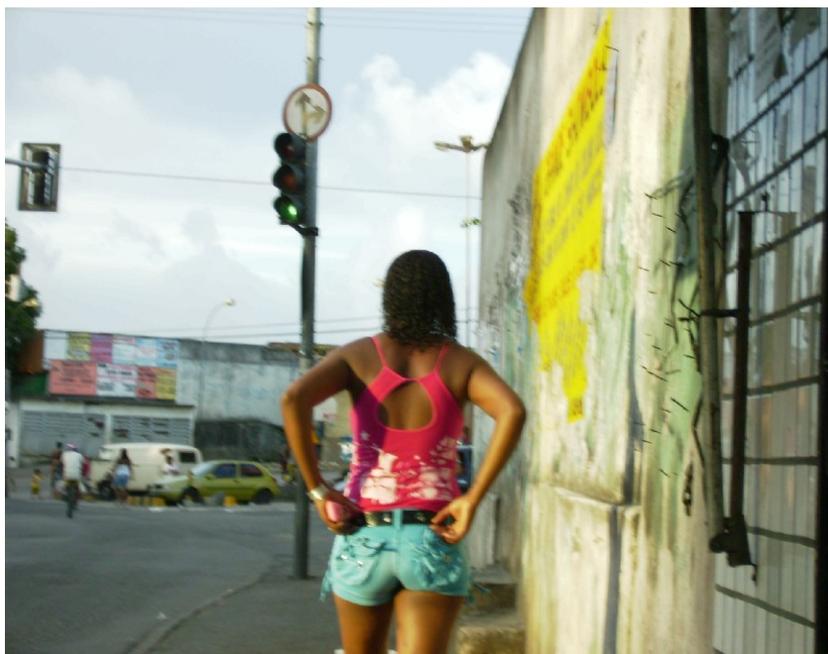


Foto 7 - Ideal de beleza e forma de "se arrumar"

Quando falou da beleza nas pernas grossas, citando a cantora de axé Ivete Sangalo “que está linda agora porque está malhando”, reclamou que não tinha mais os *pernões* bonitos que tinha quando era nova. Para ela as pernas grossas, um *bumbum* grande e um corpo menos magro simbolizam *gostosura* e por isso quem as tem é mais sensual.

Sobre esse padrão mais *cheinho* Renata, 41 anos, 1,70m e 60 kg, ao mesmo tempo em que se gaba de ter um corpo magro e sem gorduras, expõe a sua percepção do que seria o padrão de beleza na opinião dos homens, a partir de suas lembranças de adolescência, em que não se sentia admirada pelos paqueras porque era magra e não tinha muitas curvas.

“Sempre fui conformada com aquilo que tinha (...) nunca tive aquele problema de que a minha amiga é mais *cheinha*, chama mais atenção, nunca tive esse problema comigo, sempre fui satisfeita com o meu corpo.
(...)

Sempre me achei no padrão certo, nunca tive o preconceito pela magreza, ou se eu tivesse gorda, nada disso. Eu acho que tendo saúde, graças a Deus, é isso que importa. (...)

Aquele padrão que o homem acha que é legal, que é *cheinha*. Não quero dizer assim gorda... Ela não deve ser gorda, ela tem que ser proporcional, entendeu?”

Tia da garota Joana, Renata é dona do armarinho onde trabalha, tem um tipo físico alongado, e adorou a ideia de ser entrevistada. Inicialmente me disse ter menos do que quarenta anos, e só depois por não saber responder ao certo o ano em que nascera, assumiu os seus 41 anos. Não tem o problema de gordurinhas que a sobrinha tem, mas observa que um dos quesitos de beleza para a mulher é ter cinturinha fina, *toda desenhada*.

Sempre foi magra o que a diferenciava dos pais e irmãos que sempre foram mais *cheinhos*, por isso sempre teve muitos apelidos relacionados ao seu corpo.

“Aí o pessoal me chamavam de magrela, magrela! Mas isso não me incomodava. Lidava bem com isso. (...)

Eu sou a mais magra, é tanto que lá em casa me chamam de Barbie, ficam falando, mas é mais para me abusar, né, aí eu digo a minha irmã, não tenho culpa se você tem esse corpo aí, minha filha, o importante é o meu, que está no lugar”.

A atriz Claudia Raia⁴² foi citada por todas as mulheres entrevistadas como um modelo de mulher bonita, mais da metade também mencionou a ex-dançarina do grupo de pagode baiano É o Tchan, Sheila Carvalho. Umas atentam para necessidade de um quadril ou bumbum grande, outras elegem as pernas grossas, a altura, ou ainda a simpatia, como determinantes para a beleza feminina, mas todas comentam a falta de barriga, ou gordura nessa região como importante na estética corporal.

⁴² As primeiras entrevistas foram feitas quando a novela “Belíssima” da Rede Globo, ainda estava no ar, de modo que justifica a lembrança da atriz, que fazia a personagem “Safira”, uma mãe bonita e desejada pelos vizinhos e que mantinha um relacionamento escondido com um borracheiro bonitão interpretado por Reynaldo Gianecchini.

Ao comentar o seu padrão de beleza, Joana ressalta que a barriga deve estar “lá dentro, eu sou fã também dos pernões”. Já Marcela observa que bonito é ter “corpo de violão com cinturinha fina, quadril um pouco largos”, mas “bumbum é fundamental, porque todo mundo acha fundamental, né? Se a mulher não tiver bumbum...”.

Como só tem 1,53m, Marcela acrescenta o quesito altura, na construção de seu padrão de beleza e acrescenta que usa “sapato alto para ficar do tamanho das outras pessoas”. Mariana também classifica a sua altura juntamente com o seu peso o que menos gosta em seu físico.

Outro aspecto relevante e que confirma um grau de aceitação dos padrões é o que se refere à alimentação e o discurso sobre os alimentos ingeridos. É comum uma demonstração de conhecimento do alimento saudável mesmo para as mulheres que não fazem dieta.

“Eu não me alimento muito, mas também pouquinho também não chego a me alimentar. Eu me alimento de forma adequada para não engordar muito (...) Eu como feijão, arroz, carne. Não como farinha. Porque farinha engorda.”
(Marcela)

O depoimento de Marcela contradiz as afirmações de Aguirre sobre a comida de populações mais carentes. Segundo essa autora, cada grupo social tem sua própria representação de corpo ideal, no entanto, esta aparece relacionada aos seus hábitos alimentares, devidamente sustentada em práticas culturais. No entanto, o ideal corporal, segundo a autora, decorre das práticas de alimentação que indicam o que é estar saudável para cada grupo social. Assim, para os *setores pobres* o conceito *forte* expressa tanto a saúde quanto a beleza. Já os setores médios procurariam o corpo belo, e as camadas ricas buscariam corpos sãos, tendo no conceito *fraco* a sua designação corporal (AGUIRRE, 2000)⁴³.

“Deve sim, fazer atividade física, se alimentar direitinho, para poder ficar com o corpo em forma, né. (...) Meio dia é... duas colheres de arroz, menos de uma concha de feijão, um pouquinho de verduras (...) Eu tô satisfeita. Mas

⁴³ Freitas concorda com Aguirre de que as práticas alimentares é uma das várias maneiras das pessoas se reconhecerem como sujeito. A autora observa que a desigualdade social no Brasil também conduz a diferentes maneiras de ver a comida, a depender do grupo ao qual se pertence.

tem dia que dá uma fome assim, mas só que eu me controlo, né, ai pego e não como, para não aumentar mais o peso, né. Não como”. (Luísa, 28 anos)

“Me alimento de forma adequada para não engordar muito”. (Marcela, 19 anos)

“Às vezes eu faço sopa, eu não repito mais o almoço não, porque normalmente eu tô querendo perder peso.” (Valda, 46 anos)

“Gosto de almoçar mais salada, arroz, feijão básico não gorduroso, não gosto de farinha, como já lhe disse a você, não gosto de farinha. E às vezes tomo, assim, um copo de refrigerante, que não é recomendável tomar, por causa da celulite, da nossa amiga!” (Renata, 41 anos)

Apenas o discurso de Joana parece ir de encontro com as normas da boa alimentação, pois ela é a única que assume a paixão pelos hambúrgueres ao mesmo tempo em que se preocupa com o peso e a aparência do seu corpo.

“Gosto de comer besteiras. Tipo assim, hambúrguer, esse tipo de coisa, batata frita. Ou o escondidinho da Terapia. Esse tipo de coisa. (...) Eu sou indisciplinada com alimentação. Mas é mais um lance meu mesmo. É lógico que você tem que se preocupar com as outras pessoas.”

No entanto não se pode esquecer que esses cardápios estão abertos às várias interferências culturais, que terminam por intervir também nas formas de conceber o corpo. A prática alimentar de um determinado grupo seria uma das formas de autorreconhecimento como sujeito.

Se o contorno do corpo é feito a partir da imersão no mundo, sendo resultado das relações práticas diárias ligadas à alimentação, atividades físicas e de trabalho, lazer entre outras, também a noção de beleza corporal decorrerá de experiências localizadas no corpo, decorrente de construções culturais herdadas e utilizadas nas interações, do mesmo modo que o desacordo com o corpo está ligado a alguma aceitação, também cultural.

É importante observar que embora algumas dessas mulheres tenham frequentado academias ou escolas de dança, a atividade física que elas realizam são os

trabalhos domésticos, além do deslocamento a pé, para *resolver a vida* no próprio bairro. E são nessas atividades cotidianas que elas descobrem seus corpos como bonitos, sensuais, sexuais, ou não.

Se a compreensão é dada no corpo, as experiências de vida, a cotidianidade, tornam-se muito importante, visto que o corpo é sede e meio para a experiência. Como afirma Valverde, o corpo não pode ser estudado como um objeto apenas porque ele se abre à percepção sensível, à linguagem e a qualquer tipo de atuação, para ser vivido enquanto experiência numa relação onde os sentidos se entrecruzam (MERLEAU-PONTY, 1996; CSORDAS, 1994; VALVERDE, s/d). Desse modo o que as mulheres de Pau da Lima afirmam é um modo singular de experienciar seu mundo, ou de perceber seu mundo com seu corpo.



Foto 8 - Shortinho e barriga de fora

Essas falas reafirmam a ideia de que a perspectiva corporal embora subjetiva decorre de uma posição de existência no mundo, sendo, portanto também intersubjetiva. O ser enquanto socialmente situado tem possibilidades de escolhas, mas essas não fornecem o poder de transformações instantâneas, principalmente corporais, em aquilo que se decide ser, por serem apreendidas no corpo, as

disposições vivenciadas durante uma vida, não podem ser modificadas a partir de uma vontade imediata ou de uma requisição social. Assim, a aparente contradição entre querer um corpo magro e alongado e sair a rua com um top cuja barriguinha se mostra saliente se esvai.

A mudança de estilo de vida de Luísa: um caso particular?

O relato de uma informante destacou-se por trazer alguns elementos vivenciados de disciplina e voluntarismo, elementos estes que compõem o discurso da busca de um corpo hegemônico. Trata-se da história de Luísa e de sua conversão das disciplinas em novos hábitos visando ter um corpo diferente do que teve durante toda a sua vida, e ao mesmo tempo se enquadrar no modelo de beleza vigente.

Luísa, pele branca, cabelos castanhos presos em um rabo de cavalo, é uma dona de casa de 28 anos que também trabalha lavando roupas para ajudar a complementar o orçamento familiar. A vizinha de rua, após ter me concedido uma entrevista, avisou que Luísa deveria ter uma boa história para me contar se referindo a sua história de emagrecimento, conhecida e acompanhada pelos vizinhos.

A casa de Luísa fica um nível abaixo de uma rua enladeirada. Após descer uma escadinha estreita e sem corrimão, cheguei a varanda da casinha branca e chamei pela moradora que veio me atender e ao saber quem havia me indicado, mandou que eu entrasse. Sentamos em um sofá de dois lugares, coberto por um lençol e assim que terminei a minha apresentação começamos uma conversa agradável, com fotos para mostrar a transformação: o antes e o agora.

Luísa conta que durante a gravidez de sua única filha, ela que sempre fora uma garota *cheinha* engordou bastante, e passado dez anos estava obesa pesando 80kg, em seus 1,55m.

“Quando era pequena eu era gordinha. Já era gordinha e na adolescência engordei mais. Aí depois, quando eu fiquei mulher, né, desenvolvi, aí eu fiquei gorda, aí eu fiz uma dieta, um regime, emagreci.”

Porque sempre foi gordinha a barriga aparecia como seu pior problema em relação com a roupa. As saias e shorts eram bem vindos, pois mostravam as pernas grossas, mas a barriga embora não fosse um problema na comunidade local, era uma dificuldade para ela.

“Não, não tinha preconceito do meu corpo, não! (...)

la pra todos os lugares [...] mas eu não tava nem aí. Porque tem sempre um que critica, né, que menina gorda, nem sei o que! Não fala na cara, pessoalmente, mas ficam cochichando (...)

As pessoas sempre me diziam assim, sempre vem alguém me dizer assim, você era gordinha, mas sempre foi uma gordinha bonitinha. Sempre bonitinha. Não era uma gordinha feia. Porque tem gorda que é feia. Você era uma gordinha bonitinha, falam bem assim [...]. Aí eu dizia assim: mas mesmo assim eu quero emagrecer porque tô me sentindo ridícula.”

A sua reclamação era que as roupas não ficavam bem, o que pode ser um indicativo de como recebia o modelo ideal do corpo. Embora se sentisse bem e não tivesse vergonha do seu corpo, o desacordo aparecia na hora de comprar as roupas, pois estas demandavam um corpo que não era o dela, as roupas eram feitas para um corpo magro, então ela resolveu emagrecer.

“Nada ia bem, ia para uma loja assim, vestia uma roupa, assim, ficava aquela monstruosidade, assim, me achava ridícula, assim, muito gorda, quando vestia uma roupa, nada dava, vestia uma não dava, começava a suar, ficava com uma raiva. Aí quando me olhei no espelho: eu tenho que emagrecer! Botei na minha cabeça, ninguém tirou. Aí a minha cunhada disse: você tá doente, psicopata, igual aquelas modelo que quer secar de qualquer jeito. Eu digo: não, eu tenho que ter minha saúde. Para que gordura? Gordura não é saúde. Aí pronto, botei em minha cabeça, aí...”

A discordância da cunhada foi rebatida não por uma questão meramente estética, e sim visando uma melhora na saúde. Ao disparar que *gordura não é saúde* atinge claramente a cunhada, ela mesma também obesa, ao mesmo tempo em que ao alegar o emagrecimento pela saúde, ela o torna uma coisa aceitável e não fútil.

A partir desse momento ela *colocou na cabeça* que iria emagrecer e fez um programa de reeducação alimentar que depois foi confirmado pela nutricionista do complexo de saúde do bairro. A ida a nutricionista constituiu o apoio institucional que faltava, principalmente quando os vizinhos começam a falar do seu emagrecimento e porque “é a nutricionista que entende mais dessas coisas, sempre acompanha as pessoas e sabe o que deve comer e o que não deve”.

“Depois que eu emagreci, tinha um que falava assim, que tinha gente, gente ignorante, que fala assim: Ave Maria, aquela menina tá doente, acho que deve tá de AIDS. Eu falava: tá amarrado, repreendido... Aí, eu conversei com a nutricionista e ela me disse assim: é gente ignorante, não ligue não, continue a sua dieta, siga em frente. Quando eu fui pra ela eu tava com 68 kg. (...)

Quando eu fui [no complexo de saúde], eu já tava fazendo mesmo a minha dieta, mesmo de boa. Aí, eu expliquei a ela, aí ela disse que tava tudo certinho. Aí, ela só me deu uma folha [de acompanhamento do emagrecimento] pra eu continuar acompanhando. Mas só que nunca mais eu andei, eu comecei, eu tô sentindo que já tô engordando, minha roupa já apertou, que eu visto 40, tá um pouquinho apertada, e eu não quero vestir mais de 40, não. (...)

Quero até ir lá, conversar com ela porque esses dias eu tô assim, sem fazer caminhada, eu quero pegar outro papel na mão dela. Um papel assim, pra acompanhar, pra nunca perder, sabe, a base [do que deve comer]. Porque às vezes eu me perco assim, um pouquinho, ou então a pessoa esquece.”

O que podemos observar no discurso de Luísa é que não só os hábitos alimentares foram modificados, como normalmente ocorre nas dietas, mas ela também se debruçou para uma alteração nas formas cotidianas de se relacionar com o mundo, através de algumas atividades práticas que facilitassem as mudanças requeridas.

Além das atividades cotidianas, como varrer casa, lavar roupa (da própria casa e para ganho), tarefas comuns de uma dona de casa, ela passou a frequentar uma academia.

“Ôxe, eu perdi bastante peso. Eu fiquei como a nutricionista mandou: de 54. Aí, como eu saí da academia, as condições também financeiras, né, tanta coisa, porque eu moro com minha mãe também, né, aí, eu tenho que ajudar as coisa, né, aí, sai da academia e passei... e faço caminhada, mas agora com a chuva, inverno (...)

Eu tava na academia, mas saí, porque o negócio apertou, né. Eu parei de malhar. Mas agora tô caminhando aí, no pistão. Esses dias que me atrapalhou porque tá chovendo, não dá pra eu ir. Aí, vou eu e ainda levo o meu irmão. Ele é gordo, ele é deficiente. Tá até aí, deitado. É porque ele é deficiente. Tá *muito* gordo. Tá fora do peso, né. Aí eu levo ele e vou, né.”

Podemos perceber que tanto a academia quanto a caminhada no pistão com o irmão aparecem como facilitadores para a aquisição e incorporação dos novos modos de ser, que é ao mesmo tempo no corpo e em relações corporais com outros. A disciplina inicial se converte em um novo hábito, inclusive quando ela agrega às suas caminhadas o exercício necessário para o irmão doente, então a reflexão recua para um segundo plano e a disciplina passa para um nível pré-reflexivo, donde não precisa mais da razão para ser adotado. O corpo atual já não é mais um estranho, tendo se tornado próprio, de modo que ao engordar um pouco ela sente o peso no próprio corpo: na dificuldade de locomoção, nas roupas que apertam, no espelho que demonstra algo a mais.

“Eu só tô achando que eu engordei mesmo, é porque eu parei de caminhar (...) ficar parada, dentro de casa. É por isso. (...)

Quando tava gorda, eu ficava com falta de ar, quando subia a ladeira, eu ficava cansada, com falta de ar, assim, um abafamento, assim... Agora não, me sinto bem. Me sinto outra”.

Ao dizer que se *sente outra*, Luísa acrescenta que isso acontece também em relação ao que ela vê em seu corpo, e adiciona a sua noção de corpo belo.

“Bem feita de corpo. Cinturinha fina. Sem nenhum pneu, toda lighth. Toda em forma. Ah, eu admiro muito a mulher quando vejo assim na rua, tem gente que é ignorante e diz assim: eu não, não sou *roçona*, *sapatona*. Eu digo: não, admiro sim! Quando eu vejo, eu digo: poxa aquela mulher é linda, Deus benza, que eu não tô botando olhado [...], não tô botando olhado, mas tem um corpo lindo”.

E como mora no bairro e com ele compartilha o seu estar no mundo, concorda com todas as outras entrevistadas ao citar uma mulher que é o modelo do seu ideal de beleza:

“Acho bonito o corpo de Sheila Melo. Sheila Melo não, Sheila Carvalho, eu acho o corpo dela lindo. O corpo dela, eu acho lindo”.

No entanto, é preciso observar que se houve a superação das características físicas que fazia de tal ideal de beleza possível apenas para uma elite, não podemos esquecer que os valores das técnicas de beleza ainda impossibilitam o alcance de tal padrão por toda a população de desejosos.

O desejo de modificar o corpo para adequação a certos padrões é sim uma resolução proveniente de liberdade, mas não é realmente efetivado através de voluntarismo, sobretudo quando o que está em questão são as formas corporais. Pois se estas decorrem de uma história e existência no mundo, ela traz em si a escritura de um *habitus* que não é tão fácil de modificar. A corporeidade se mostra dúbia, sendo ao mesmo tempo uma abertura à superação e transcendência por ser a possibilidade de ser no mundo, mas também, trazendo em si as experiências e a história pessoal, um enraizamento que pode ser transformado, devido a mesma abertura da vida.

ARRUMANDO O QUE FOI VISTO

Um só padrão, várias trajetórias?

Este trabalho tem como objetivo uma análise sobre as concepções corporais de mulheres que habitam um bairro de periferia de Salvador (Pau da Lima), através do exame de algumas entrevistas, em que mulheres falam sobre suas vidas, noções de estética e de saúde, e hábitos alimentares, visando verificar a hipótese de que as mulheres de bairro populares periféricos não aderem completamente ao padrão estético corporal hegemônico devido a uma imersão no mundo que difere das mulheres de maior poder econômico e de outro estilo de vida, o que conduz a uma vivência corporal distanciada dessas imagens estéticas e comportamentais atribuídas.

Se o mundo é percebido enquanto experiência, o corpo é o lugar que se habita neste mundo, no qual se está lançado, sendo a possibilidade de frequentá-lo. Ao perceber as possibilidades de experiências futuras, ocorre a relação com o mundo, este se oferece. O mundo existe porque eu o percebo, porque eu não o ignoro, porque eu só sou porque tenho um mundo. As experiências no mundo são assim mediadas e tornadas possíveis devido à corporalidade.

O social e o cultural existem como modo de solicitação, não são dados pelo indivíduo como vontade deliberada e nem é uma fatalidade imposta. É uma solicitação experienciada. Ao nascer me encontro em um mundo que se dá a mim, que me interpela, mas esse não é um mundo natural apenas, é um mundo de “estradas, plantações, povoados, ruas, igrejas, utensílios, uma sineta, uma colher, um cachimbo” (MERLEAU-PONTY,1996: 465) que traz consigo uma civilização, da

qual participo, e que me coloca diante da presença próxima de um outrem a partir de sua conduta, a partir de seu corpo como portador de um comportamento.

As escolhas sobre ter um corpo magro e torneado são, desse modo, solicitadas pelo mundo cultural, intersubjetivo, que embora seja *dado*, recorre à tomadas de posições anteriores que devido o fluxo da temporalidade sempre se fazem presentes tanto como modos de ser como de estar. Se a minha inserção corporal infantil e adulta se fez em ambientes esportivos, possivelmente não serei solicitado a modificar meu corpo pela mídia, por me enquadrar no modelo requerido atualmente. Também decorre de diferentes modos de ser os *body modifications* que através de tatuagens, aplicações, cirurgias plásticas e estéticas, procuram individualizar seus corpos tornando-os silhuetas únicas em contraposição aos modelos dados.

As mulheres de Pau da Lima demonstram ter introjetado os valores estéticos hegemônicos, ao concordarem que o que é bonito é um corpo modelado e com cintura fina. Muitas disseram que se sentem mais atraentes ou com melhor autoestima quando estão magras, sem barriga ou malhando. Unhas feitas e cabelos alisados, para muitas delas, também são cuidados que elevam seu sentir-se bem.

Também a relação com a alimentação segue essa introjeção dos valores projetados socialmente, embora as constituições corporais contradigam os discursos de almoços com alimentos leves, como grelhados e saladas de folhas.

Pode-se observar uma incoerência entre os discursos e as atitudes e modos de ser enraizados no corpo, porque os comportamentos corporais e alimentares por serem decorrente do *habitus* atuam no pré-reflexivo e podem discordar em relação aos desejos sociais e não analisam regras e vontades, principalmente ao se referirem as formas corporais.

Na vida cotidiana os indivíduos não refletem sobre seus corpos, eles são seus corpos, é assim, nessa imersão no mundo que as identidades são construídas. O contorno do corpo é feito a partir da imersão no mundo, sendo resultado das relações práticas diárias ligadas à alimentação, atividades físicas e de trabalho, lazer entre outras. Partindo do fato de que o corpo é o fundamento da cultura, as experiências no corpo, estão associadas a construções culturais herdadas e utilizadas nas interações, do mesmo modo que o desacordo com o corpo está ligado

a alguma aceitação, também cultural. Ter um corpo que não está de acordo com o modelo de corpo perfeito veiculado pela mídia, envolve certo tipo de relação com o mundo, e a busca para se enquadrar ou não nesse modelo indica a necessidade de uma melhor aceitação – relação estigma/autoestima – nesse mundo compartilhado, assim podemos encontrar pessoas que, por não se ver corporalmente de acordo com o *corpo perfeito*, se afastam das características vinculadas a esse tipo, tais como sucesso, agilidade e juventude, enquanto outras procuram exatamente exagerar nas diferenças para marcar o seu desacordo com as formas e culturas generalizadas, mas de certa forma, tentam reafirmar os ideais vinculados ao *corpo perfeito*. As ginásticas e dietas realizadas para se encaixar ao modelo dado, assim como a utilização de piercing, alargadores e tatuagens para se afastar dele, irá conduzir não só a uma nova imagem corporal como também, irá levar a um reaprendizado pelo e no corpo, de espaços, de posturas e modos de agir que podem ou devem ser adotados.

O corpo das mulheres populares, como foi visto, não chega a ser um corpo controlado como os corpos das mulheres das classes médias, pois embora exista uma aceitação da busca da perfeição estética a submissão aos modelos não é completa.

- ALVES, P. C. e RABELO, M. C. (1998) Repensando os estudos sobre representações e práticas em saúde/doença. In: Alves e Rabelo (org.), *Antropologia e Saúde: traçando identidade e explorando fronteiras*. Rio de Janeiro: Fiocruz/Relume Dumará, 107-121.
- ALVES, P. C.; RABELO, M. C. e SOUZA, I. M^a (1999) Introdução. In: M. C. Rabelo et al., *Experiência de Doença e Narrativa*. Rio de Janeiro: Fiocruz. 11-39.
- AGUIRRE, Patrícia (2005) El cuerpo ideal y la lucha de classes. in: *Página/12*. Argentina. Disponível em:
<http://www.pagina12.com.ar/diario/sociedad/index-2005-04-10.html>
- ÁVILA, Milene Peixoto (2006) *Periferia é periferia em qualquer lugar?* Antenor Garcia: estudo de uma periferia interiorana. Dissertação (mestrado em Ciências Sociais). São Paulo: Universidade Federal de São Carlos.
- BAUMAN, Zygmunt (1999) A privatização da ambivalência. In: *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed. 207-243.
- BERGER, Mirela (2006) *Corpo e identidade feminina*. Tese (doutorado em Antropologia). São Paulo: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/Universidade de São Paulo.
- BOLTANSKI, Luc (1989) *As classes sociais e o corpo*. 3a ed. Rio de Janeiro: Graal.
- BUDGEON, Shelley (2003) Identity as Embodied Event. In: *Body & Society*. v. 9 n. 1. SAGE Publications.
- BOURDIEU, Pierre (1979) Capítulos III, V e VI. In: *O Poder Simbólico*. Lisboa: Difusão Editorial. (Memória e Sociedade).
- _____. (1979) L'habitus et l'espace des styles de vie. In: *La Distinction*. Paris: Les Éditions de Minuit, p. 189-215.
- _____. (1983) Esboço de uma sociologia da prática. In: ORTIZ, R. *Pierre Bourdieu: Sociologia*. São Paulo: Ática, p. 60-81. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).
- CARELI, Gabriela (28/02/2001) Comer e emagrecer. In: *Veja*, nº1689.

- CASTRO, Ana Lucia (2006) *Culto ao Corpo: mídia e construção de identidades*. 25ª RBA.
- CSORDAS, J. Thomas (1993) Somatic Modes of Attention. In: *Cultural Anthropology*, vol. 8, nº 2, 135-156.
- _____. (1994) Introduction: The body as representation and being-in-the-word. In: *Embodiment and experience: the existential group of culture and self*. New York: Cambridge University Press.
- COURTINE, Jean-Jacques (1995) Os Stakhanovistas do Narcisismo: Bory-Building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT'ANNA, Denise (Org.) *Políticas do Corpo: elementos para uma história das práticas corporais*. São Paulo: Estação Liberdade. p. 81-114.
- DEL PRIORE, Mary (2000) *Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil*. São Paulo: Ed. SENAC. (Série Ponto Futuro; 2)
- DOUGLAS, Mary (1976) Limites externos. In: *Pureza e Perigo*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 141-158.
- DOVE. *Campanha pela real beleza*. Disponível em:
http://www.campanhapelarealbeleza.com.br/uploadedFiles/br/dove_white_paper_final.pdf
<http://www.campanhapelarealbeleza.com.br/uploadedFiles/BR/WhitePaper2.pdf>
- DUCCINI, Luciana (2005) *Diplomas e decás: Reinterpretação e identificação religiosa de membros de classe média no candomblé*. Tese (doutorado em Ciências Sociais). Salvador: Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/Universidade Federal da Bahia.
- FARIAS, Rita de Cássia e SILVA, Alice (2006) *Nos bastidores da moda: Tweens de camadas populares no interior de Minas*. 25ª RBA.
- FONTANELLA, Fernando (2004) Os cânones corporais e o corpo grotesco. In: CAPPARELLI, S.; SODRÉ, M.; SQUIRRA, S. (orgs). *A Comunicação revisitada*, Livro do XIII Compôs / 2004. Porto Alegre: Sulina. Disponível em:
http://www.compos.org.br/data/biblioteca_98.pdf
- _____. (2005) *A Estética do Brega : Cultura de consumo e o corpo nas periferias do Recife*. Tese (doutorado em Comunicação) Recife: Programa de Pós-Graduação em Comunicação/Faculdade Federal de Pernambuco.
- GOFFMAN, Erving (1982) *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahal. p.11-115, 137-150.
- GOLDENBERG, Miriam (2005) Gênero e corpo na cultura brasileira. In: *Rev de Psic Clin*. Rio de Janeiro, v.17, n.2, p.65 -80.

- GUIDDENS, Anthony (2002) *A Modernidade e a Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.
- HITA, M^a Gabriela e DUCCINI, Luciana (2007) Da guerra à paz: o nascimento de um ator social no contexto da “nova pobreza” urbana em Salvador da Bahia. In: *Cadernos CRH*. Salvador, v.20, nº50, p.281-297.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Pesquisa sobre Padrões de Vida*, 1996/97. Disponível em:
<http://www.ibge.org.org/imprensa/press.htm>
- IBOPE - Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística. Disponível em :
http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=6&proj=PortalIBOPE&pub=T&db=caldb&comp=pesquisa_leitura&nivel=null&docid=009BCBC3B97F39F4832570060073206A
<http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=5&proj=PortalIBOPE&pub=T&db=caldb&comp=Noticias&docid=788A5624DD5A6C0D832572BC004EBD42>
- JOAS, Hans. (1996) Situation, corporeality, sociality – the fundamentals of a theory of the creativity of action. In: *The creativity of Action*. Cambridge: Polite Press.
- MALYSSE, Sthéfane (1998) Em busca do corpo ideal. In: *Rev. Sexualidade Gênero e Sociedade*, n. 7-8, abr.
- _____. (2000) Além do corpo: a carne como ficção científica. In: *Rev. Antropol.* São Paulo, vol.43, nº2. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012000000200016&lng=en&nrm=iso
- MAUSS, Marcel (1974) As Técnicas Corporais. Cap. I a IV. In: *Sociologia e Antropologia*. Vol. 2. São Paulo: EPU/EDUSP, 211-233.
- MERLEAU-PONTY, Maurice (1996) O Corpo. In: *Fenomenologia da percepção*. São Paulo : Martins Fontes, p. 111-212.
- MING, Laura (31/10/2007) O doutor mão leve: Cirurgião de famosos, o plástico Carlos Fernando de Almeida cultiva a moderação de resultados. In: *VEJA*, nº2032.
- MONTAGNER, Miguel A. (2006) Pierre Bourdieu, o corpo e a saúde: algumas possibilidades teóricas. In: *Ciências & Saúde Coletiva*. Vol. 11. nº2. Rio de Janeiro.
- MOTA, Maria Dolores (2007) *De Vênus a Kate Moss*: reflexões sobre corpo, beleza e relações de gênero. Disponível em:
http://fido.palermo.edu/servicios_dyc/encuentro2007/02_auspicios_publicaciones/actas_diseno/articulos_pdf/A009.pdf
- NATALI, João Batista (1999) Diminui obesidade feminina no Sudeste. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 23/05. Cad. Cotidiano, Saúde, p.6.

- PALLONE, Simone. Diferenciando subúrbio de periferia. In: *Rev. Ciência e Cultura*. São Paulo, v. 57, n. 2, 2005. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000200006&lng=en&nrm=iso
- PEREIRA, Cláudia da Silva (2006) *Construindo a feminilidade na cultura da magreza: Um estudo sobre corpo, adolescência e anorexia*. 25ª RBA.
- PIMENTA, Scyla (2006) *Padrões estéticos de mulheres em um bairro periférico de Salvador*. 30º ANPOCS.
- PIMENTA, Scyla (2002) *Voluntarismo e Vigília: discurso e práticas de emagrecimento pelo Vigilantes do Peso*. Monografia (bacharelado em Ciências Sociais). Salvador: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/ Universidade Federal da Bahia.
- PORTER, Ray (1992) História do corpo. In: Burker, Peter (org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. 2ª ed. São Paulo: Unesp.
- PROFORMAR (2006)
- RODRIGUES (1983) José Carlos. Corpo ou Corpos. In: *Tabu do corpo*. Rio de Janeiro: Achiamé Ltda. p. 43-126.
- SANT'ANNA, Denise B. de. (1995) Embelezamento feminino no Brasil. In: Sant'Anna, Denise (org.) *Políticas do Corpo: elementos para uma história das práticas corporais*. São Paulo: Estação Liberdade, p. 121-139.
- SOARES, Antonio Mateus de C. (2006) "Territorialização" e pobreza em Salvador – BA. In: *Estudos Geográficos*, Rio Claro, 4(2): 17-30 dezembro. Disponível em: www.rc.unesp.br/igce/grad/geografia/revista.htm
- SOUSA, Ângela Gordilho (2000) *Limites do Habitar: segregação e exclusão na configuração urbana contemporânea de Salvador e perspectivas no final do século XX*. Salvador, EDUFBA.
- SEPLAM, PMS, FMLF (2006) *Salvador em Dados – 2006*. V. 03 p. 1/158
- TARRIUS, Alain. (2000) Las circulaciones migratorias: convivencia de la noción de "territorio circulatorio". Los nuevos hábitos de la identidad. In: *Leer, Describir, Interpretar*. trad. Catherine Bony. Relaciones, 83. Paris, v. xxi.
- TURNER, Bryan (1989) La sociología y el cuerpo. In: *El cuerpo y la sociedad: exploraciones en teoría social*. México: Fondo de Cultura Económica.
- VALVERDE, Monclar (s/d) Corpo e Sensibilidade. In: CABEDA, Sonia (org). *O corpo ainda é pouco*. II Seminário sobre a contemporaneidade. NUC/UEFS

**APRESENTANDO A DISSERTAÇÃO
(OU DIVAGAÇÕES SOBRE A ESTÉTICA CORPORAL
NA PERIFERIA BAIANA)⁴⁴**

Inicialmente preciso agradecer à minha orientadora, Iara Maria de Souza, por nossos encontros sempre tão importantes para as soluções de minhas instigações, ao mesmo tempo em que me desculpo pelos meus desencontros. Agradeço também aos professores Miriam Rabelo e Gesse de Souza, que compõem essa banca, aos professores do programa, aos professores e colegas do Ecsas, do qual estive ausente nesse período a ponto de receber um e-mail de Murilo a me perguntar se eu ainda era uma pessoa do Ecsas (sim, eu sou!). Meu agradecimento a Dora que também nos orienta e facilita a nossa vida em relação aos trâmites burocráticos. Agradeço também à minha família e amigos que por algumas vezes solicitaram a minha atenção e presença sem resposta e por outras me fizeram rir em meus momentos de tensão e estresse próprios desse período.

Por fim, agradeço também a Fundação de Amparo à Pesquisa da Bahia (Fapesb) pela bolsa concedida.

Apresentação da dissertação (ou divagações sobre a estética corporal na periferia baiana)

Quando pensava no texto para a defesa sempre me retornavam as indagações de um amigo suíço que veio em férias ao Brasil alguns anos atrás. Ele questionava, e me pressionava para que eu o respondesse, sobre o porquê das mulheres brasileiras terem uma grande circunferência abdominal. Ele se referia a todas as mulheres indiferente ao grupo social em que ela estivesse inserida, e me mostrava

⁴⁴ Texto apresentado na defesa da Dissertação.

algumas cinturas nas ruas da cidade fazendo com que elas existissem em profusão; ao mesmo tempo em que ele ignorava a existência das baianas que viviam em dieta, passavam muitas horas malhando na academia ou simplesmente gozavam a anatomia herdada da família ou da boa vontade de Deus.

Eu não fazia muito esforço para acompanhá-lo nessas divagações sobre a anatomia feminina, até porque sentia necessidade de retornar às minhas caminhadas na orla. Então era ele mesmo quem respondia: algumas vezes a culpa era do feijão, arroz e farinha; outras eram provenientes da falta de exercício cotidiano que exercitassem o abdômen, ele falava de patins como meio de transportes ou de esqui para as férias, coisas impossíveis para o cotidiano brasileiro.

Mas o curioso era que ele sempre admitia com divertimento que achava interessante, e até mesmo sensual, que as mulheres de classe mais popular não se incomodassem muito em deixar à mostra essa parte do corpo, muitas vezes evidenciada sob uma roupa mais justa ou ainda entre uma camiseta curta e um jeans superbaixo.

Em Pau da Lima essa questão sobre a silhueta feminina que se diferencia de um padrão de beleza reapareceu, mas de outra maneira, pois para mim o que importava não era saber por que as silhuetas se arredondavam e sim entender como essas mulheres de classes populares, que muitas vezes aparecem na literatura apenas como corpos que trabalham, vivenciavam a estética de seus corpos; como essas curvas a mais ou a menos faziam sentido para elas.

Hoje, não apenas em Salvador ou no Brasil, se perguntarmos o que é um corpo belo obteremos como resposta, de um modo geral, que é um corpo alto, magro ou alongado e torneado. Um padrão que deixa de fora da possibilidade de beleza uma grande parte da população mundial.

As pesquisas sobre corpos e modelos estéticos na sociologia constantemente estão voltadas para o estilo de vida das camadas médias da sociedade e afirmam que o culto à estética magra torna-se mais evidente junto à população de alta renda, como reflexo das questões econômicas no âmbito social. Ser magro decorreria não apenas dos hábitos alimentares, mas também do estilo de vida e do status de uma dada classe social, tornando-se expressão simbólica do uso social que é feito do

corpo dessa população: o corpo magro e delineado por ser resultado de um esforço individual representaria o corpo promoção, que conduz à satisfação dos desejos e ao enriquecimento material.

Boa parte dessas pesquisas aconteceu em academias ou praias da moda frequentadas por grupos de alto poder financeiro e normalmente ratificam a afirmação de que a busca de uma aparência bela depende de uma disciplina corporal e reflete na promoção individual, estando ligada ao sucesso e ao êxito (Botanski, Courtine, Sant'Anna, Malisse).

Também, de modo geral, essas pesquisas se passam no Rio de Janeiro, cidade que pode ser vista como o centro da estética corporal do Brasil e onde está localizada a emissora de tv de maior importância na divulgação de estilos de vida do país.

Devido a esse perfil, das pesquisas sobre estética corporal, muitas pessoas, das ciências sociais ou não, me questionaram o porquê de não ter optado por uma academia, na Graça ou no Itaipava, para realizar a pesquisa. A minha resposta para essa questão caminha no sentido de desvelar o meu objeto de estudo nesse trabalho: por um lado, a relação das camadas médias e alta com o corpo embora extremamente interessante já vem sendo bastante discutida, e por outro lado, as formas de corpo que vem sendo colocadas como marcadoras de distinção revelam o gosto de um determinado grupo social.

Para mim, tornou-se relevante procurar entender a outra parcela da população - as camadas populares que não conseguiam compartilhar tal distinção.

Desse modo, o questionamento principal que direcionou esse estudo baseou-se no seguinte ponto: se o culto ao corpo é resultado de alguns modos de utilização e apresentação do corpo que marcam uma distinção social ligadas a gosto de classe (como fala Bourdieu) como se comportam em relação aos seus corpos e a esse modelo as pessoas que vivenciam outras *esferas de vida*, ou que compartilham outro *mercado de bens*? Dessa forma Pau da Lima não aparece, na pesquisa, como um bairro único, mas, representa um conjunto de bairros cujos moradores não respondem a tais marcas de apresentação e distinção.

Algumas questões secundárias moveram a investigação, tais como: haveria, nas classes populares, uma aceitação social desse modelo de corpo ou os critérios de aparência se diferenciariam pelos diversos grupos sociais, de modo a existir vários corpos-tipos a depender dos vários agrupamentos de indivíduos? Tal diferenciação decorreria de uma crítica ao modelo hegemônico, por essa parte da população, ou simplesmente das diferenças de inserção corporal no mundo? A adoção do padrão seria decorrente de um voluntarismo ou apenas consequência de um modo de ser no mundo?

O modelo de corpo construído pelas entrevistadas, como indicador de beleza corporal, está baseado em um conjunto de elementos que posso classificar assim: uma característica psicológica (a simpatia - foi quase unânime a ideia de que se uma mulher é simpática é bonita); uma característica de cuidados higiênicos e estéticos (limpar a pele, cuidar dos cabelos, o que pode significar trançar ou alisar, fazer as unhas, são sinais de que a mulher é vaidosa e deseja mostrar-se bonita); e três características corporais (pernas grossas, nádegas grandes e barriga murcha).

Quero repetir a fala de uma delas que acho que define bastante o que o discurso da maioria sobre o que é um corpo belo:

“que *teja* barriga lá dentro, que *teja* a bunda empinada, que eu acho bonito, que deixa o corpo da mulher muito bonito, a pele limpa também..., acho muito bonito a mulher da pele limpa...”

As mulheres de Pau da Lima demonstram ter introjetado os valores estéticos hegemônicos, ao concordarem que o bonito é um corpo modelado e com cintura fina. Muitas disseram que se sentem mais atraentes ou com melhor autoestima quando estão magras, sem barriga ou malhando. Unhas feitas e cabelos alisados também é um cuidado que elevam seu sentir-se bem.

As pernas, principalmente as grossas, são modelos de sedução e precisam ficar a mostra. Ninguém relatou que tais pernas grossas precisavam ser firmes, duras ou malhadas. Já as nádegas devem ser empinadas. Jamais batidas ou *chuladas* para que fossem belas.

Embora as duas primeiras características corporais se oponham às do modelo vigente que prioriza o tipo magro alongado, a barriga murcha é uma característica a ele concordante. Todas as entrevistadas relataram que a barriga *batidinha* é um sinônimo de beleza feminina (e também masculina).

As roupas curtinhas e justas no bairro podem ser vistas assim como uma adequação a esse padrão, mas também uma adequação ao espaço em que se vive, algo que também podemos ver nos estudos com a população das camadas médias. Existe a roupa de ir à academia, a roupa de ir ao supermercado, a roupa para ir à festa ou ao pagode. O modo de vestir reflete mais uma adequação a um local em que se compartilham modos de ser, do que a um modelo de corpo.

As roupas para fazer pequenas compras cotidianas e as roupas para ir a festas em espaço de shows ou a bares dizem sobre a compreensão estética dessas mulheres. Uma das informantes, que disse não gostar das festas de pagode relatou que conheceu todos os seus paqueras a caminho do supermercado, ou seja, realizando as tarefas cotidianas pelo bairro. Para ela, e é isso que podemos observar pelo bairro, as roupas para as atividades cotidianas são normalmente roupas *confortáveis* e frescas, as meninas vestem shortinhos e tops, já as mais velhas usam vestidos tipo camisolas ou legs até o meio das pernas com blusas que terminam na altura do quadril.

Já as roupas de sair para bares e pagodes demonstram certa sexualidade, cantada em suas músicas, assim como a aceitação dessa estética corporal. As danças de pagode e arrocha são sensuais, mulheres e homens requebram enquanto dançam juntos ou em círculo. As roupas propícias para essas festas para as mulheres são roupas curtas, sainhas, vestidinhos, shortinhos, blusinhas, barriguinhas à mostra. Os homens usam calças e blusas justas. É preciso que o rebolado apareça, é preciso mostrar que se tem molejo. Tudo isso com muita sensualidade.

Nesse momento as unhas feitas, cabelos lisos ou trançados, os pernões, as nádegas grandes e a barriga murcha contam ponto na paquera, no fazer bonito, no ganhar status, na aquisição de capital social no bairro ou apenas na festa. No entanto o que podemos ver no bairro é que embora as características corporais sejam importantes, a adequação ao local é mais importante, e desse modo a roupa

certa se torna muito mais necessária do que a adequação ao modelo corporal. Assim, embora todas tenham colocado que a barriguinha saliente incomodava por não corresponder ao modelo de beleza, esse excesso abdominal não é vivenciado enquanto um problema. Nos pagodes ou nas ruas do bairro elas exibem suas barriguinhas salientes, às vezes bastante salientes, entre os shortinhos e as blusinhas que vestem.

Como bem observa Merleau-Ponty, a consciência do corpo que é dada em situação permite que se crie a noção do belo ou do feio de acordo com o modelo preestabelecido que é dado pela moda, pelo grupo em que se está envolvido, com o estilo de vida que se leva, com o país em que se encontra. A compreensão do corpo, assim como os modos de interagir e de julgá-los, pode ser vista, então, como decorrente da presença, já que é através dessa que se é/está lançado no meio natural e cultural que permite a compreensão de si.

Dessa forma, acho possível afirmar que o modo que as mulheres vivenciam seus corpos nos bairros populares gera experiências estéticas diferenciadas das descritas nos estudos sobre estéticas nas camadas médias. Pois embora muitas dessas mulheres participem de academias ou repitam o discurso hegemônico sobre a estética, estas não são vivenciadas como um problema ou como uma condição de distinção, pois embora exista uma aceitação da busca pelas formas ditas perfeitas, a submissão ao modelo não é completa. Assim a aparente incoerência entre discurso e atitudes corporais na verdade apenas é o resultado de uma singular imersão no mundo.